



καιρός | kairós

Boletim do Centro de Estudos em
Arqueologia, Artes e Ciências do
Património

N.º 6 - Verão de 2020

CEAACP - UC/CAM/UALG

FICHA TÉCNICA

Título καιρός | kairós. Boletim do Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património | **N.º** 6, Verão de 2020

Editores do volume J. Alves-Ferreira | L. Bacelar Alves | S. Gomes

Autores A. F. Carvalho | C. Nabais | D. Pinto | G. Pereira | J. Alarcão | J. Encarnação | J. P. Bernardes | M. C. Lopes | M. L. Craveiro | M. Simões | P. A. Fernandes | V. Ribeiro

Imagem de capa Aes – Verão no mosaico de Hellin (pormenor).
Créditos: Museo Arqueológico Nacional, Madrid. Inv. 38316. Foto: José Barea.

Edição CEAACP

e-ISSN 2184-7193

DOI https://doi.org/10.14195/2184-7193_6

Suporte Digital | **Formato** PDF

Contactos ceaacp@uc.pt

Financiamento



Centro de Estudos
em Arqueologia
Artes
e Ciências do Património



UAlg
UNIVERSIDADE DO ALGARVE



FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA PORTUGAL



REPÚBLICA
PORTUGUESA

Coimbra/Mértola/Faro, Verão 2020

ÍNDICE

EDITORIAL 1

ARQUIVOS DA TERRA

O verão nos mosaicos romanos 4

Projeto Balsa 8

Numa gigantesca mamoa,
a necrópole neolítica do Algar do Bom Santo 16

TERRITÓRIOS DA ARTE

nem dentro nem fora: *in limine* 34

Matéria das Astúrias.
Ritmos e realizações da expansão asturiano-leonesa no actual
centro de Portugal (séculos VIII-X) 58

CCC - Colóquios do Convento de Cristo
uma interface científica e comunicacional 60

TRAÇOS DAS HERANÇAS

Projecto INVISIBLE WOODS 66

O Programa de Renovação Rural.
Notas para um estudo das intervenções de reabilitação em áreas
rurais no Estado Novo 86

O verão na epigrafia romana! 102

Nos [[Territórios da Arte](#)], M. Simões pensa a *janela* - *esse lugar que não é dentro nem fora* - como limiar. Um lugar que, como escreve a autora, *abre o ser à permanência de um lugar marginal, provisório e fragmentado*, simultaneamente sintetizador de *vivências, experiências* e de *emoções*. Partindo das representações dos séculos finais da Idade Média e início da Idade Moderna, o projeto *In limine* procura refletir sobre esses fragmentos de vida à janela, em que o exercício de olhar se faz de fora para dentro. Na mesma secção, M. L. Craveiro traça a trajetória dos Colóquios do Convento de Cristo (CCC) e a sua consolidação enquanto interface internacional de cooperação científica, artística e cultural, o qual se tem vindo a afirmar como importante plataforma de exploração/formação/divulgação de um imenso universo cultural e patrimonial. P. A. Fernandes apresenta a sua dissertação de doutoramento dedicada aos ritmos e realização da expansão asturiano-leonesa. Incidindo sobre um território compreendido entre os rios Douro, Mondego e Vouga, e numa cronologia precisa balizada entre meados do século IX e finais do século X, trata-se de um estudo que procura nos vestígios materiais a face mais visível daquela expansão.

[[Traços das Heranças](#)] abre com o projecto interdisciplinar *Invisible Woods* e apresenta a sua aplicação em cinco casos de estudo. Considerado pioneiro em Portugal, trata-se de um projeto que promove a sensibilização não só da arqueologia e da história da arte, mas também da engenharia e da arquitectura, para a importância da dendrocronologia como fonte de informação e, consequentemente, para a importância da recolha de madeiras (históricas) para datação. V. Ribeiro escreve sobre *O Programa de Renovação Rural* (1960-1974) durante o período do Estado Novo. Associado ao mito de *vocação rural*, mas também de *vocação*

para a pobreza, veiculado pela propaganda salazarista, o programa tinha como objectivo a renovação e o ressaneamento rural. Através de um arquivo de *imagens-notas*, o autor apresenta alguns dos casos de intervenção do programa. Invocando a estação do ano em que nos encontramos, e que dá mote ao presente número da Kairós, J. Encarnação escreve-nos sobre o *Verão na Epigrafia Romana*, explorando as referências ao Verão (*Aestas*) na documentação epigráfica, a maioria das quais surgem, como salienta o autor, em mosaicos associados ao tema das estações.

O Verão nos mosaicos romanos, pela mão de J. Alarcão, inaugura os [[Arquivos da Terra](#)]. A partir da figura feminina, radiosa e coroada, do Verão, presente num dos mosaicos da Vila Romana do Rabaçal, J. Alarcão descreve os motivos e os atributos desse género de representações, bem como a circulação das mesmas e de seus artistas pelo Império. Por sua vez, J. P. Bernardes apresenta o Projecto Balsa - projeto integrado entre o CEAACP e o Centro de Ciência Viva de Tavira -, o qual delineia uma metodologia de estudo, de cariz multidisciplinar, para a cidade romana e portuária de Balsa, considerada um dos mais importantes sítios arqueológicos do sul de Portugal. Por último, A. Faustino de Carvalho escreve sobre a gruta-necrópole neolítica do Algar, situada na Serra de Montejunto. *Numa Gigantesca Mamoá* aborda a singularidade da escavação deste impressionante sítio arqueológico, correlacionando, simultaneamente, a heterogeneidade dos seus vestígios materiais com possíveis padrões populacionais; um lugar singular que, mais do que uma necrópole, congregaria as comunidades neolíticas instaladas na planura megalítica de além-Tejo.



Diffused Reality: space, memory, text.

Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa) | Campanha de escavações de 2009. (Polaroid de Joana Alves-Ferreira)



**arquivos da
terra**



O verão nos mosaicos romanos

Jorge de Alarcão | CEAACP - Universidade de Coimbra

Nos mosaicos romanos, por todo o Império, é comum a representação das estações do ano (*annuae commutationes*): Primavera, Verão, Outono e Inverno. Se é certo que as figuras alegóricas apresentam alguma variedade, consoante os artistas e os lugares, a representação mais frequente é a de bustos femininos, mais ou menos expressivos, com mais ou menos atributos. A figura grave e triste do Inverno contrasta com a figura radiosa do Verão, ou as cores mais escuras daquela estação do ano com as tonalidades álacres do estio ou com a jovialidade da Primavera. Mais do que as cores ou a expressão, são os atributos que permitem a identificação das figuras.

Em Portugal temos vários exemplos da representação das estações: em Conimbriga, no Rabaçal (Penela), em Pisões (Beja), na *villa* Cardílio (Torres Novas), em Santa Vitória do Ameixial (Estremoz), na *villa* do Arneiro (Leiria)... O gosto dos grandes proprietários rurais por estas alegorias é fácil de entender; mas a representação das estações não se encontra apenas em ambientes rurais; também se acha em *domus* nas cidades (como em Conimbriga).

Circulavam, na época romana, álbuns de desenhos de que os mosaístas se serviam. Isso explica que se encontrem grandes semelhanças em mosaicos das mais distantes províncias do Império. Assim, podemos ver representações muito similares na Lusitânia, na África do Norte, na Bretanha (Inglaterra), na Síria. A circulação de artistas também explica essas semelhanças.

A representação do Verão que reproduzimos é a da *villa* romana do Rabaçal, edificada nos meados do séc. IV. A *villa* foi escavada e estudada por Miguel Pessoa. O edifício é notável pela singularidade da sua arquitectura e pela qualidade dos seus mosaicos, alguns dos quais em muito bom estado de conservação.

Numa das alas do peristilo, em frente da entrada do *triclinium*, observam-se quatro quadros com as quatro estações.

A figura feminina do Verão tem na cabeça um diadema, brincos nas orelhas, um colar ao pescoço. Veste uma túnica, apertada sobre o ombro direito por um broche ou fíbula redonda. Do lado direito (para o observador) vê-se

uma cornucópia, símbolo da abundância, com dois frutos redondos, provavelmente maçãs. Do lado esquerdo, um elemento vegetal estilizado, com gavinhas, folhas (de videira?) e bagas. O painel é emoldurado por uma esquadria de bagos de cereal separados por curtos traços rectos e por um caixilho de folhas de acanto. Os elementos vegetais são os próprios da época.

Sugestão de leitura

Miguel PESSOA, *Arte sempre nova dos mosaicos romanos das estações do ano em Portugal*. Penela: Terras de Sicó e Câmara Municipal de Penela, 2005 (com reprodução e estudo de outros mosaicos de Portugal).

Créditos da imagem: Museu da Villa Romana do Rabaçal.





https://doi.org/10.14195/2184-7193_6_2

Projecto BALSA

João Pedro Bernardes | CEAACP - Universidade do Algarve

Com uma ocupação balizada entre os séculos I a.C. e VI d.C. a cidade portuária de Balsa é um dos sítios arqueológicos romanos mais importantes e emblemáticos do sul de Portugal. Desde que Estácio da Veiga, no século XIX, identificou as suas ruínas com a Quinta de Torre d'Aires e imediações, as questões científicas sobre esta cidade romana, referida na literatura da época clássica, não pararam de crescer. A qualidade e quantidade dos seus achados, que comprovam a sua importância, constituíram a coleção de base do Museu Nacional de Arqueologia fundado no século XIX. Há, no entanto, um desconhecimento quase completo desta cidade antiga por nunca ter havido um projeto integrado de investigação. Em resposta a isso foi preparado pelo polo da Universidade do Algarve do CEAACP, em parceria com o Centro de Ciência Viva de Tavira, o projecto ***Balsa, searching the origins of Algarve***, financiado pelo Programa Operacional CRESC Algarve 2020, do Portugal 2020 (01/SAICT/2018 nº 39581) que conta ainda como parceiros a Direção Regional da Cultura do Algarve e o Município de Tavira.

Face ao muito que já se tem escrito e ao pouco que se conhece no terreno, este projecto científico coordenado por João Pedro Bernardes surge na sequência de trabalhos de prospeção geofísica e de algumas sondagens realizadas em 2016 e 2017, no quadro de um estudo de minimização de impactes. Procura-se agora, numa primeira fase, responder a duas questões essenciais: a) quais os verdadeiros limites da área urbana da antiga cidade romana; b) qual o potencial arqueológico que ainda se conserva e a que partes da malha urbana correspondem. Para responder a tais propósitos, o projeto, através de uma equipa multidisciplinar que envolve especialistas de várias áreas científicas, aposta fortemente em prospeções geofísicas e sondagens arqueológicas, para além de outros estudos analíticos que tiveram início no verão de 2019.

A campanha de 2019 assentou num conjunto de sondagens que visaram averiguar a natureza das anomalias detectadas pelos levantamentos geomagnéticos e por geodar, anteriormente efetuados, situadas quer na parte mais oeste, onde tem sido localizada por diversos investigadores a zona portuária da cidade e o limite oeste da mesma, quer no limite leste da quinta de Torre d'Aires.

QGIS 2.14.1-Essen - Évora_1

Projecto Editar Ver Camada Configurações Módulos Vector Raster Base de Dados Web AequilibraE Processamento Ajuda

Painel das Camadas

- ☐ Sondagem 4
- ☐ Sondagem 4
- ☐ Sondagem 1
- ☒ GPR localização
- ☒ Sondagem 1
- ☒ Sondagem 6
- ☒ Sond. Mecânica 9
- ☒ Sond. Mecânica 9
- ☒ Sondagem 5
- ☒ Sond. Mecânica 2
- ☒ Sond. Mecânica 3
- ☒ Sond. Mecânica 4
- ☒ Sond. Mecânica 5
- ☒ Sond. Mecânica 6
- ☒ Sond. Mecânica 7
- ☒ Sond. Mecânica 8
- ☒ **Sond. Mecânica 1**
- ☐ Sondagens Balsa Sondagens_...
- ☐ Cidade Balsa
- ☐ Cidade Balsa
- ☒ LiDAR_Hillshade
- ☐ 134
- ☐ 196
- ☐ Contour3 contour LineString
- ☐ Contour2 contour LineString
- ☐ Contour1 contour LineString
- ☒ GPR Sond 4
- ☐ Hillshade3
- ☐ MAG
- ☐ Hillshade2
- ☐ Hillshade1
- ☒ Balsa_Ortomosaico-6-1
- ☒ Balsa_Ortomosaico-6-2
- ☒ Balsa_Ortomosaico-6-0
- ☒ Balsa_Ortomosaico-5-1
- ☒ Balsa_Ortomosaico-5-0
- ☒ Balsa_Ortomosaico-4-2
- ☒ Balsa_Ortomosaico-4-1
- ☒ Balsa_Ortomosaico-4-0
- ☒ Balsa_Ortomosaico-3-3
- ☒ Balsa_Ortomosaico-3-2
- ☒ Balsa_Ortomosaico-3-1
- ☒ Balsa_Ortomosaico-3-0

Erro Python: Não foi possível carregar o módulo quick_map_services devido a um erro ao chamar o seu método classFactory() Ver registo de mensagens (Erro Python) para mais detalhes. [Stack trace](#) [Ver mensagem do registo](#)

Coordenada 38878.1,-286829.8 Escala 1:613 Rotação 0,3 Desenhar EPSG:3763 (OTF)

11:47 18-10-2019

Figura 1 (página ao lado) – Sondagens situadas na parte oriental da Quinta da Torre d'Aires (a vermelho) implantadas sobre anomalias de eventuais estruturas sugeridas pelo levantamento por Geo-radar.

Um conjunto de anomalias assinaladas por imagens aéreas e pela geofísica na zona portuária não se confirmaram nas sondagens manuais, pelo que foram executadas 8 extensas sondagens mecânicas com recurso a retroescavadora. Sondagem após sondagem, foi-se descartando a possibilidade de existência de qualquer estrutura portuária ou de outro tipo, bem como de materiais arqueológicos., permitindo, antes, reconhecer os limites da antiga ria através dos fundos lodosos que apareceram, cuja natureza e extensão impossibilitavam a existência de qualquer porto no local, conforme foi confirmado pela equipa de geólogos e sedimentólogos de várias universidades espanholas que se deslocaram ao local. Os resultados obtidos permitiram igualmente descartar definitivamente a possibilidade da cidade romana de Balsa se estender até junto da ribeira da Luz, devendo o seu limite mais ocidental situar-se no fim do declive da colina que cai para o vale daquela linha de água. A identificação de algumas sepulturas tardias nesta área, em 2017, reforça a ideia de que os limites ocidentais da cidade se situariam por aqui. Quanto às anomalias detetadas remotamente, é plausível explicá-las através de alterações no solo provocadas por antigos sistemas de rega, aliás bem identificados em uma das sondagens.

Já nas duas sondagens abertas na parte oriental da Quinta observou-se que o terreno foi rompido e ripado por escarificador de máquina de rastos até 70/80 cms de profundidade. Assim, todas as estruturas soterradas a profundidades inferiores foram destruídas ou seriamente afetadas. É o caso de um grande edifício com dupla abside revelado pela prospeção geofísica, que poderia ter pertencido a um complexo termal, cujos alicerces, a pouca profundidade, foram quase totalmente arrancados pela ripagem do terreno, vendo-se bem as marcas dos dentes (*rippers*) no solo e camada geológica.

Estas mesmas marcas veem-se nos perfis da outra sondagem, com cerca de 35m² e situada na vertente mais perto da ria; mas, como a potência de terras aqui é muito maior, praticamente o processo de arroteamento afetou apenas o topo das estruturas arqueológicas que se conservaram até ao século XX.

Nesta sondagem, a partir dos 70 cm de profundidade, deteta-se ainda uma canalização e restos de muros romanos tardios (datáveis a partir dos sécs. III/IV) que assentam em estruturas murais de época anterior, de boa construção, que definem um entroncamento de ruas. A altura conservada destes muros é variável, podendo atingir cerca de 80 cm. O conjunto destas estruturas correspondem a uma fachada alinhada do lado sul de uma rua, que corre no sentido Este/Oeste, e o que parece ser o entroncamento de uma segunda rua perpendicular à primeira, vendo-se uma esquina da mesma e o seu entaipamento por estruturas tardias.

Não sendo possível avançar de momento com novas escavações devido à situação de pandemia que nos constrange a todos, procura-se prosseguir este ano com mais prospeções por geo-radar nos terrenos a nascente destas últimas sondagens onde supomos ter existido o *circus* a que fazem referência duas inscrições daqui provenientes.

Figura 2 (página ao lado) – Rua e edifício de Balsa, com canalização tardia sobreposta.







Figura 3 (página ao lado) – Restos de um edifício termal e marcas dos *rippers* de máquina de rastros que o afetou (imagem 3D).

Figura 4 – Trabalho de campo de geólogos, petrólogos e sedimentólogos das universidades de Huelva, Sevilha e Barcelona.

Para ler mais:

Website: <https://balsa.cvtavira.pt/>

DIAS, V.; BERNARDES, J.; MANTAS, V. *et al* (2018) “A cidade romana de Balsa: novos dados e algumas problemáticas da prospeção geofísica em meios muito humanizados” In *Atas do IV Fórum Luso Brasileiro de Arqueologia Urbana*. Universidade do Algarve. CEAACP.



Numa gigantesca mamoa, a necrópole neolítica do Algar do Bom Santo

António Faustino Carvalho | CEAACP - Universidade do
Algarve



Figura 1 - A Serra de Montejunto vista de Almeirim, na margem oposta do Tejo. Todo o amplo espaço em torno desta "gigantesca mamoa" era, durante o Neolítico, o território de diversas comunidades humanas que partilhavam uma mesma necrópole coletiva, o Algar do Bom Santo.

A utilização funerária de grutas da Serra de Montejunto durante o Neolítico está bem documentada desde o século XIX. Não foi portanto uma surpresa quando, em 1993, uma equipa de espeleologia da AESDA descobriu uma cavidade, inédita, na vertente virada ao Tejo — o Algar do Bom Santo. A surpresa foi, sim, a extensão e o estado de preservação dos seus vestígios.

A desobstrução da entrada, que estava colmatada com um bloco de calcário talhado, rapidamente revelou o carácter intocado dos restos humanos e objetos ali deixados desde a última utilização, ainda em época neolítica. Logo no primeiro espaço de necrópole, após a descida de uma curta rampa, identificou-se, numa fina camada siltosa, as marcas dos pés descalços dos seus últimos frequentadores. Ficou assim batizada a Sala das Pegadas. No final das explorações espeleoarqueológicas contar-se-iam outras dez salas repletas de restos humanos e oferendas, onde se contabilizaram cerca de 125 esqueletos, num total de 285 m² de necrópole.





Figura 2 - No momento da descoberta do Algar do Bom Santo eram ainda visíveis marcas dos pés descalços dos últimos frequentadores neolíticos da gruta, que atravessaram este espaço entre a entrada e o interior mais profundo da necrópole, assim designado por Sala das Pegadas.





A escavação da Sala das Sete Cabeças e da Sala da Concha em 1994-2001, por Cidália Duarte, resultou na exumação de 8961 restos humanos, na maioria em posição secundária. Correspondem a 73 indivíduos, de todas as faixas etárias e incluindo 18 do sexo masculino e 20 do feminino. Estavam associados a (poucos) vasos não decorados, lâminas e geométricos em sílex, machados e enxós em rochas metamórficas, instrumentos em osso e contas de colar em concha e xisto. A necrópole seria, pois, coletiva e pertenceria a uma comunidade aparentemente igualitária.

Figura 3 - A Sala das Prateleiras é um dos onze espaços de necrópole da gruta, onde a impressão dominante é a de um caos de ossadas humanas, por vezes com oferendas diversas (potes de cerâmica, objetos em pedra polida...), que resulta da mistura de deposições funerárias superficiais.



Figura 4 - Vaso esférico, não decorado, de paredes alisadas ou brunidas, com 15 cm de altura. É um dos raros achados cerâmicos do Algar do Bom Santo e encontra paralelos na chamada "cerâmica dolménica".



Figura 5 - Conjunto de conchas de beijinho (*Trivia monacha*), perfuradas para uso como elementos de adorno, das quais se recolheram mais de 60 exemplares em escavação. Trata-se de um gastrópode marinho, portanto recolhido no litoral estremenho, cujas colorações originais, entre o rosa e o púrpura, com manchas escuras no dorso, lhe conferiam valor estético.

Figura 6 (página ao lado, à esquerda) - Enxó em rocha vulcânico-sedimentar, polida em ambas as faces e sem sinais de utilização, com 12 cm de comprimento, provavelmente oriunda no Baixo Alentejo. Os instrumentos em pedra polida, machados e enxós, estão entre as oferendas mais comuns nas necrópoles neolíticas, revestindo-se de um claro sentido simbólico que hoje nos escapa, e que se encontra também no Algar do Bom Santo.

Figura 7 (página ao lado, ao centro) - "A flauta", um enigmático objeto fabricado em osso longo de mamífero (veado?), cuidadosamente recortado e polido, com 27 cm de comprimento. Esta designação advém da sua morfologia geral mas em particular das perfurações que apresenta num dos topos. Porém, a inexistência de paralelos e as tentativas (frustradas) de produzir sons a partir da mesma obriga a rejeitar esta dedução inicial.

Figura 8 (página ao lado, à direita) Lâmina de sílex com 16 cm de comprimento (a maior encontrada até agora no Algar do Bom Santo), não retocada. Foi debitada por percussão indireta e usada como faca ou punhal. Análises preliminares sugerem que o sílex será originário das jazidas de Milanos (Granada), a mais de 500 km, onde a lâmina terá sido produzida por artesãos especialistas.



3cm



3cm



3cm



Figuras 9 e 10 - Aspectos da deposição funerária singular na superfície da Sala da Caçadora. Este indivíduo, que está acompanhado apenas por duas enxós em pedra polida (uma das quais junto à sua cabeça, como se observa na fotografia da esquerda), terá nascido e vivido numa região granítica, talvez nas Beiras ou no interior alentejano, e um quarto da sua dieta era composta por alimentos aquáticos. Estes dados sugerem que deteria um estatuto social diferenciado.

Uma deposição singular na Sala da Caçadora — que, na realidade, é de um indivíduo masculino — levantara já a suspeita de que alguns membros desta comunidade teriam um estatuto distinto. E, de facto, projetos pluridisciplinares levados a cabo em 2010-2018 desvendariam uma inesperada realidade. Se bem que a maior parte das oferendas seja oriunda do território envolvente, algumas percorreram distâncias consideráveis: um vaso foi trazido de Rio Maior, parte das rochas metamórficas foram importadas do Alentejo, e uma lâmina de sílex será proveniente da região de Granada. A análise isotópica desta população revelou três subgrupos: um, residente na Estremadura e Vale do Tejo, praticaria uma economia agropastoril; outro, habitando o mesmo território, tinha no entanto também uma componente aquática na sua dieta, obtida no então amplo estuário do Tejo; e o terceiro apresentava também essa componente aquática mas residia no Alentejo, junto ao Vale do Sorraia. O seu estudo genético mostrou uma dupla ancestralidade, com descendentes dos antigos mesolíticos de Muge e descendentes dos primeiros agricultores estremenhos, de origem levantina/anatólica.



Figura 11 - O “Altar” é um complexo espaço interior, a 70 m da entrada da gruta, que parece ter sido o centro das atividades rituais e funerárias realizadas no Algar do Bom Santo. Localiza-se num patamar sobranceiro à Sala das Braceletes onde, além desta estrutura megalítica com 3,5 m de comprimento, se identificou também uma estela antropomórfica e o que parece ser uma área de incineração.

Este padrão populacional, os seus diversos níveis de interação com o território, e a cronologia da ocupação (3800-3400 a.C.), correlacionam diretamente esta heterogénea sociedade com o início da construção dos primeiros megálitos alentejanos. A “estrutura de condenação” que colmatava a entrada da gruta, a construção megalítica (“O Altar”) e a estela antropomórfica erigidas na Sala das Braceletes, delimitando uma zona de cremação, além de vários aspetos do ritual funerário, indicam que esta gruta era mais do que uma necrópole. Era um polo agregador. A própria Serra de Montejunto, visível de além-Tejo, assemelha-se a uma gigantesca mamoa e detinha seguramente esse papel simbólico para as comunidades neolíticas instaladas nesta vasta planura megalítica.





Figuras 12, 13 e 14 - Três aspetos da Sala das Braceletes: a estela antropomórfica, com cerca de 2 m de altura e sinais de talhe para destaque dos ombros e cabeça, erigida e suspensa sobre blocos calcários; um exemplo de bracelete em concha de castanhola (*Glycymeris* sp.) recortada, ainda in situ no braço do seu possuidor; e uma vista de conjunto, com a área de incineração no centro (sedimentos enegrecidos) entre a estela (cujo topo se observa à esquerda) e o "Altar" (ao fundo).





Bibliografia

CARVALHO, A. F. (ed.) 2014. *Bom Santo Cave (Lisbon) and the Middle Neolithic societies of Southern Portugal*. Faro: Universidade do Algarve (Promontoria Monográfica; 17).

CARVALHO, A. F. 2016. On mounds and mountains. "Megalithic behaviours" in Bom Santo Cave, Montejunto mountain range (Lisbon, Portugal). Megalithic monuments and cult practices. *Proceedings of the Second International Symposium*. Blagoevgrad: Neofit Rilski University Press, pp. 114-123.

CARVALHO, A.F.; ALVES-CARDOSO, F.; GONÇALVES, D.; GRANJA, R.; CARDOSO, J.L.; DEAN, R.M.; GIBAJA, J.F.; MASUCCI, M.A.; ARROYO-PARDO, E.; FERNÁNDEZ, E.; PETCHEY, F.; PRICE, T.D.; MATEUS, J.E.; QUEIROZ, P.F.; CALLAPEZ, P.M.; PIMENTA, C.; REGALA, F.T. 2016. The Bom Santo Cave (Lisbon, Portugal): catchment, diet and patterns of mobility of a Middle Neolithic population. *European Journal of Archaeology*. 19:2, pp. 187-214. DOI: 10.1179/1461957115Y.0000000014

CARVALHO, A. F.; GONÇALVES, D.; ALVES-CARDOSO, F.; GRANJA, R. 2019. Till death us do part? Human segmentation in funerary practices in the Middle Neolithic cemetery cave of Bom Santo (Montejunto mountain range, Portugal). In VALERA, A. C. (ed.) - *Fragmentation and depositions in Pre and Protohistoric Portugal*. Lisboa: Era-Arqueologia S.A., pp. 71-84.

CARVALHO, A. F.; GONÇALVES, D.; DÍAZ-ZORITA, M.; VALENTE, M. J. 2019. Multi-isotope approaches to the Neolithic cemetery-cave of Bom Santo (Lisbon): new data and comparisons with fourth millennium BC populations from central-southern Portugal. *Archaeological and Anthropological Sciences*, 11, pp. 6141-6159. DOI: 10.1007/s12520-019-00908-2

DUARTE, C.; ARNAUD, J. M. 1996. Algar do Bom Santo: une nécropole néolithique dans l'Estremadura portugaise. *I Congrès del Neolític a la Península Ibèrica*, 2. Gavà: Museo de Gavà (Rubricatum; 1), pp. 505-508.



Anastasia Ax & Lars Siltberg. EXILE. Museu de Arte Contemporânea de Serralves, 19 de Setembro de 2015. (Foto de Joana Alves-Ferreira).



territórios da arte



https://doi.org/10.14195/2184-7193_6_4

nem dentro nem fora: *in limine*

Marta Simões | CEAACP - Universidade de Coimbra

Estar à janela é, de certo modo,
escapar ao tempo mas, sobretudo,
à definição de espaço.

É pousar e abrir o ser à
permanência num lugar marginal
que não é dentro nem fora, não
pertence ao exterior nem ao interior,
não é espaço público nem espaço
privado.

Estar à janela é, por isso, estar na
margem e aceitar esse espaço
como fronteira física, como limite
visual, como espaço fragmentado
e, sobretudo, como limiar e barreira
intransponível.



Em termos arquitectónicos, a janela é uma abertura na parede que permite a passagem de ar e de luz e que só possibilita o deslocamento de um corpo se a ela se associar um espaço exterior complementar, como um balcão, convertendo-a muitas vezes numa porta mas que, ainda assim, não permite a ligação física efectiva entre interior e exterior. Alguém à janela ou à varanda estará sempre e ainda num espaço de reserva que só é público ao olhar. Aliás, se recuarmos à etimologia latina da palavra, derivada de *januella*, diminutivo de *janua* com o significado de porta, passagem e acesso, facilmente compreenderemos que a janela constitui por si só uma contracção do elemento porta, o verdadeiro canal comunicante entre o dentro e o fora. À janela, um espaço que, na verdade, não está dentro, nem fora, são exigidas outras funções, fundamentalmente relacionadas com questões físicas de circulação de ar e de iluminação de espaços.

Se ultrapassarmos a realidade material e pensarmos a janela como elemento essencial na psicologia do espaço habitado, rapidamente lhe atribuiremos diferentes significados e a janela converte-se num signo capaz de sintetizar vivências, experiências e emoções. É disto evidência a mais recente ocupação das janelas por pessoas de todo o mundo no contexto da pandemia provocada pela Covid-19. Obrigadas ao confinamento nas suas casas, estas viram nas janelas o ponto de contacto físico, mas também simbólico, com o mundo exterior que lhes fora repentinamente interditado. Esta sonegação provisória do quotidiano vivido nas ruas e nos espaços públicos transformou as janelas nos olhos e vozes de homens e mulheres um pouco por todo o mundo. Rapidamente se converteram na montra privilegiada de mensagens de esperança e conforto, no palco de espectáculos musicais informais e, em determinados casos, no único contacto possível com o outro.

Fotógrafos de todo o mundo dedicaram-se exclusivamente à captação da vida que, agora, acontecia, à janela. De repente, a janela transformou-se num palco de ocupação pública colectiva.

Estes fragmentos de vida à janela, vividos também na primeira pessoa, constituíram o mote para direccionar o meu olhar, enquanto historiadora da arte, e procurar perceber o que se faz à janela, tal como foi fixado na pintura, sobretudo nos séculos finais da Idade Média e no início da Idade Moderna. Raramente é um exercício de pura introspecção tal como seria glosado *ad infinitum* na pintura do século XIX. E neste exercício, procurámos olhar as janelas da rua, do lado de fora, do espaço que no nosso presente, estava vazio.



E às janelas são atribuídos imensos papéis. Não sem surpresa, tal é o significado polissémico que ainda hoje o vocábulo janela tem. Janelas-montra; janelas-festa; janelas-pecado, janelas-esperança, janelas-medo, janelas-espectáculo, janelas-espanto, janelas-encontro, janelas-moldura, janelas solitárias e janelas colectivas.

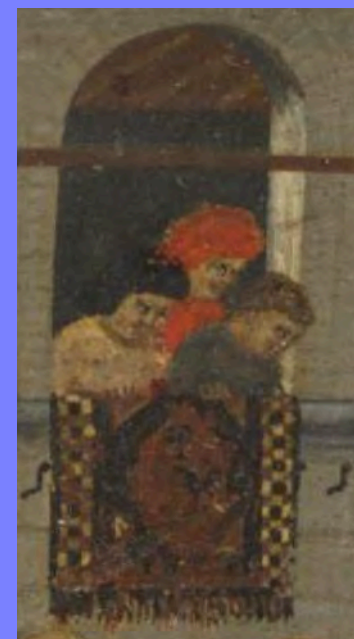
Nos peitoris das janelas, abertas, sempre, exibem-se e vendem-se os objectos produzidos pelos artesãos nas cidades: luvas, sapatos, vidros, cerâmicas, ferragens, de tudo se encontra nessas janelas-montra. Nos dias das grandes festas religiosas e principais eventos da cidade, colocam-se os melhores tapetes do lado de fora das janelas, varandas, balcões e balaustradas, e todos, homens, mulheres e crianças, se põem à janela, vestidos com os seus melhores trajes. Tudo isto resulta num exercício de demonstração de

poder até pela possibilidade de deterem uma janela alta e larga num local com vistas tão privilegiadas. Observam o cortejo ou a procissão passar, apoiados nas suas almofadas cuidadosamente pousadas sobre os peitoris, e são vistos e dão a ver. Constituem, muitas vezes, um dos lados privilegiados da participação na festa e no espectáculo urbano, longe do bulício e da confusão das ruas e afastados da gente miúda.





Giovanni Francesco Toscani, *La corsa del Palio nelle strade di Firenze* (detalhe), 1418. Cleveland, The Cleveland Museum of Art.
Denis van Alsloot, *Celebração da Ommegang em Bruxelas: procissão de Nossa Senhora de Sablon* (detalhe), 1616. Madrid, Museo del Prado.





Vincent de Beauvais, *Miroir Historial*. Paris, BnF Français 312, f. 44v, 1385.

Jheronimus Bosch, *O vendedor ambulante* (detalhe), c. 1500. Rotterdam, Museum Boijmans van Beuningen.

Lluís Borrassà, *Jovem à janela*, 1400-1415. Barcelona, Museu Nacional d'Art de Catalunya.

A janela é também um espaço privilegiado para convocar emoções tais como a esperança, o espanto ou o medo. Há janelas em barcas cujos ocupantes procuram, através delas, avistar o pedaço de terra prometido depois do Dilúvio; há janelas por onde espreitam rostos amedrontados em habitações que espelham realidades económicas difíceis; há

também janelas-gesto onde as personagens que as ocupam são de tal modo expressivas no gesto que parecem emanar delas toda a acção da narrativa onde se integram. São janelas de ocupação individual e que transferem emoções muito sintéticas, mas profundas, para quem as observa.





Outras há que, ocupadas de forma individual, dão corpo visual ao interdito, ao adultério, às relações desiguais no casamento, ao pecado. Nelas, podem, ver-se, por exemplo, mulheres que tentam homens à sua passagem. Vestem-se de acordo e assumem-se como símbolo desviante da ordem e do permitido. Outras ainda controlam os seus maridos e vestem as calças por eles.

Página ao lado: Bernardus Paludanus, *Album amicorum*, c. 1579. The Hague, Koninklijke Bibliotheek.

Boccaccio, *Le Décaméron*, 1432. Paris, BnF Arsenal 5070, fol. 252r.

Para finalizar e acentuar o carácter *voyeurista* de olhar de fora para dentro, através de uma janela, restam-nos as janelas-encontro, aquelas onde se apresentam os amantes, lícitos e ilícitos.

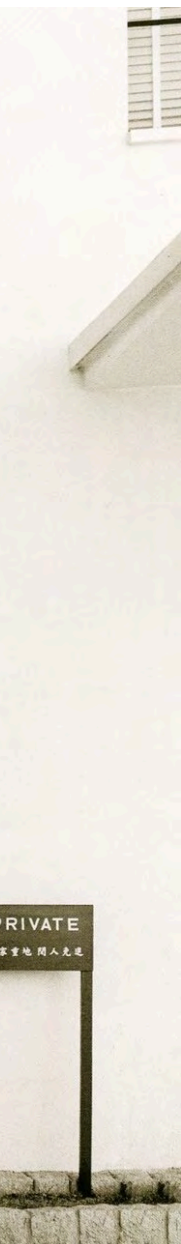
Oscilam entre o recato, a ordem e a paixão proibida.

À janela, esse espaço provisório e transitório, tudo acontece para, logo depois, desaparecer. É o espaço privilegiado da acção efémera e finita, de um momento fixado no tempo.









Andrea di Bonaiuto, *Caminho para o Calvário* (detalhe), 1365-1368. Firenze, Chiesa di Santa Maria Novella, Cappellone degli Spagnoli.

Fan Ho, *Private*, 1960.

Pieter Bruegel O Velho, *Provérbios Flamengos* (detalhe), 1559. Berlin, Gemäldegalerie.





Matéria das Astúrias

Ritmos e realizações da expansão asturiano-leonesa no actual centro de Portugal (séculos VIII-X)

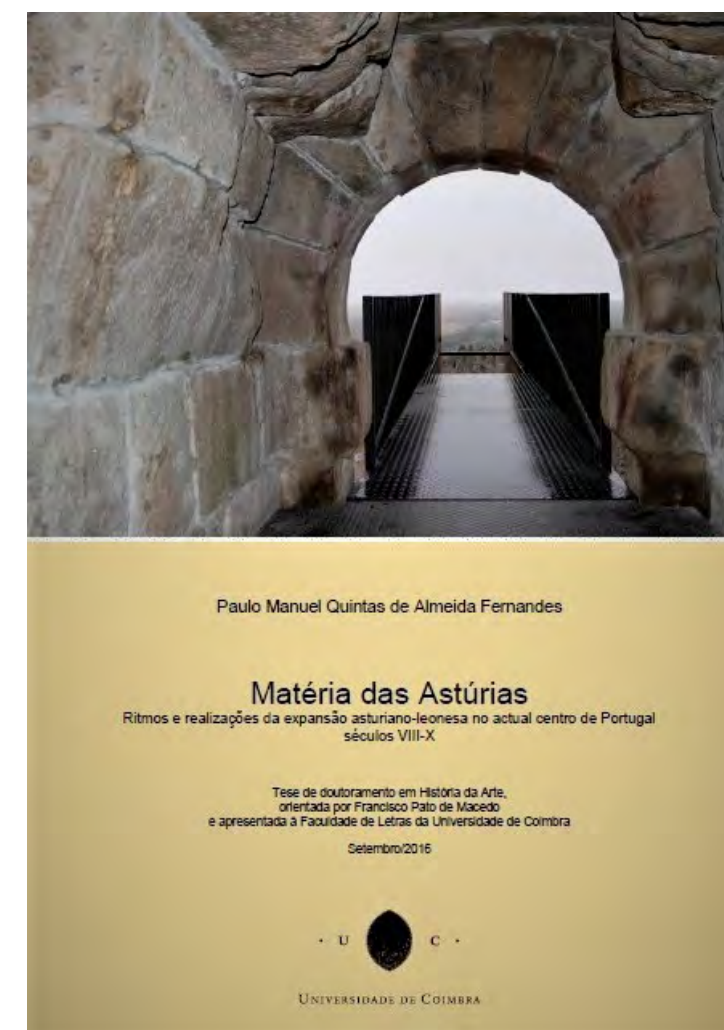
Paulo Almeida Fernandes | CEAACP - Universidade de Coimbra | Colaborador do Instituto de Estudos Medievais (Universidade Nova de Lisboa) | Professor Auxiliar convidado do Departamento de História da Arte da Universidade Nova de Lisboa

Matéria das Astúrias é um estudo sobre os vestígios materiais que se podem associar à expansão asturiana e leonesa numa geografia e num tempo concretos: a vasta região entre os rios Douro e Mondego, e um período de cerca de 150 anos, entre meados do século IX e os finais da centúria seguinte.

A tese de doutoramento em História da Arte, orientada por Francisco Pato de Macedo (Universidade de Coimbra) e defendida em 2017, organiza-se em duas partes.

A primeira é dedicada ao tempo que decorre entre a invasão muçulmana de 711 e os primeiros indícios de colonização asturiana, rastreáveis a partir de meados do século IX. Entre a renúncia das autoridades de Córdova e a incapacidade de integração das primeiras vagas expansionistas asturianas, o território genericamente situado entre os rios Douro e Mondego formou uma terra de ninguém, uma de várias que terão existido naqueles primeiros tempos de convívio entre cristãos (asturianos, residuais ou moçárabes), muçulmanos e berberes. Neste complexo cenário, formaram-se comunidades autárquicas, paulatinamente integradas nas estratégias de expansão territorial asturiana e leonesa.

A segunda parte é dedicada a um território específico: a extensa área que tem como centro a cidade de Viseu, e que se estende até aos rios Douro, Mondego e Vouga, e ainda à Beira Alta. A unidade territorial desta ampla geografia não é hoje verificável, mas, entre os finais do século IX e os meados da centúria seguinte, foi aqui que se instalou uma fação asturiana particularmente ativa. Encabeçado por Bermudo Ordóñez, irmão rebelde do rei Afonso III, o grupo liderou este território e patrocinou a ação de entidades religiosas também ali estabelecidas, como os titulares da catedral episcopal de Viseu, ou os numerosos mosteiros que foram também agentes de transformação da paisagem.

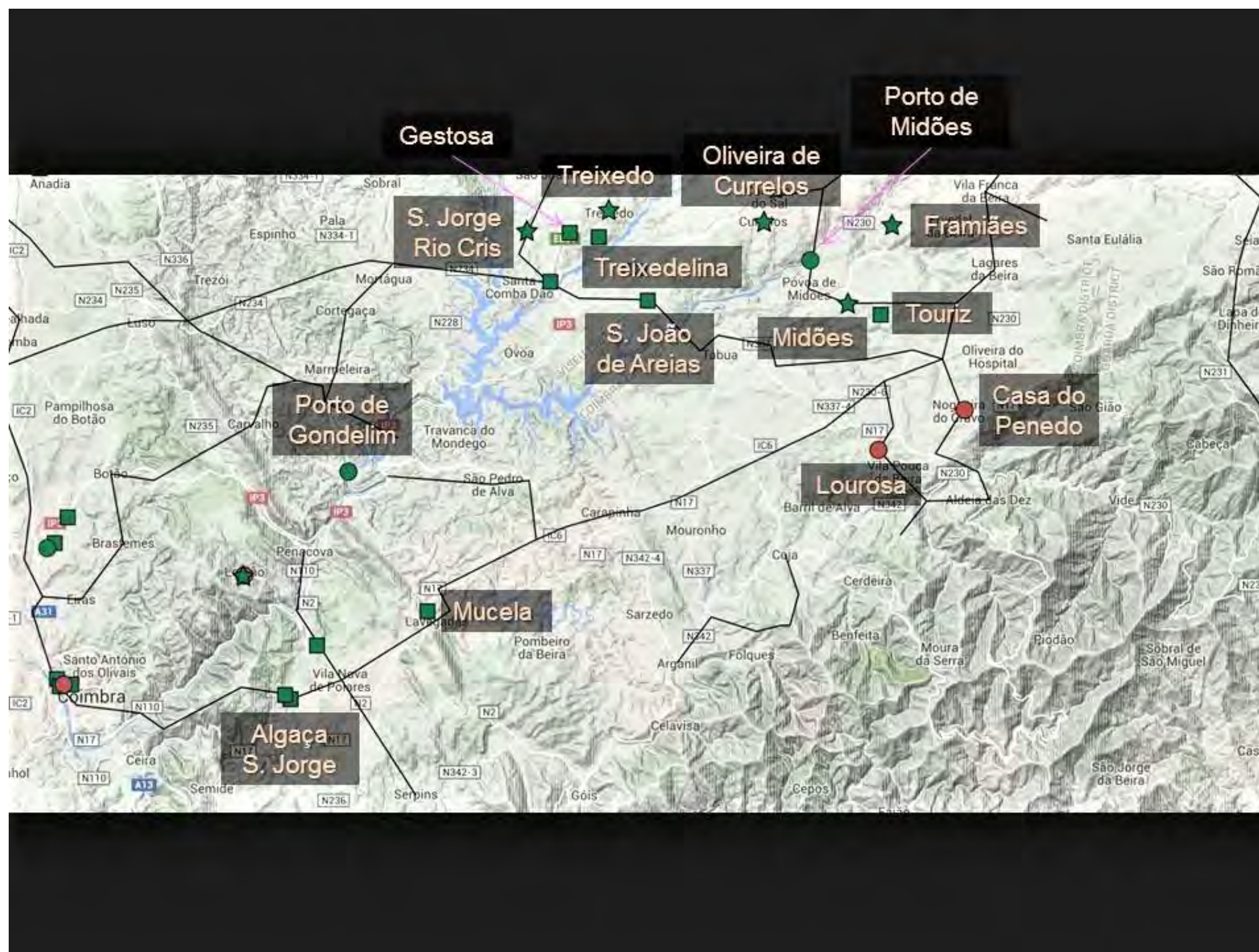


[Disponível aqui.](#)

Este grupo, já estudado por Manuel Luís Real, não foi o primeiro a instalar-se nesta área, mas foi aquele que promoveu a mais coerente organização asturiana do território. Os filhos de Diogo Fernandes, nobre asturiano que acompanhou Bermudo no seu exílio, desfrutaram de grande protagonismo na região: Ximeno Dias e Mumadona Dias alcançaram o estatuto condal, em Coimbra e em Portucale, respetivamente, enquanto Leodegúncia Dias e Múnia Dias estabeleceram-se em setores vitais para a sobrevivência deste grupo. Foi graças à intervenção destas últimas nobres, e respetiva famílias, que se criou a linha defensiva face a Leão na Beira Alta, entre os castelos de Trancoso e Numão, e que se formou uma área fortemente marcada por igrejas e mosteiros, ao longo do rio Alva, que contextualiza o aparecimento da igreja de Lourosa, epigraficamente datada de 912 e face mais visível desta tão rápida e radical expansão de agentes asturianos pelo atual centro de Portugal.

Pé de altar asturiano da igreja de São Pedro de Balsemão, Lamego. Foto José Pessoa, 2013.





Vestígios materiais (a vermelho) e referências documentais a construções (a verde), na zona do rio Alva, durante os séculos IX e X. Implanta-se também a rede viária romana da região, a partir do site www.viasromanas.pt





Torre de menagem do castelo de Trancoso (à esquerda).

Fachada principal da igreja de São Pedro de Lourosa, antes do restauro.
Foto Marques Abreu (à direita).



https://doi.org/10.14195/2184-7193_6_6

- CCC -

Colóquios do Convento de Cristo **uma interface científica e comunicacional**

Maria de Lurdes Craveiro | CEAACP - Universidade de
Coimbra

A marca CCC – **Colóquios do Convento de Cristo** – nasceu de uma parceria estabelecida entre o Convento de Cristo de Tomar e o Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património (CEAACP), com protocolo assinado a 13 de Novembro de 2014, pela Universidade de Coimbra e pela Direção Geral do Património Cultural.

Para além de outras iniciativas que mostraram a eficácia de uma cooperação que tem como objetivos fundamentais a consolidação e a divulgação científicas, os CCCs afirmaram-se como a plataforma credível para, a partir do núcleo patrimonial do Convento de Cristo, na sua dimensão plural, artística e cultural, implementar o conhecimento em torno das múltiplas áreas que decorrem desta análise, promover a sua divulgação qualificada e abrangente ou estimular a construção de redes científicas internacionais. Deste modo, o Convento de Cristo desenvolve a capacidade exploratória dos seus potenciais de atuação na relação continuada e ativa com uma estrutura académica, ao mesmo tempo que o CEAACP, por via do Grupo de Estudos Multidisciplinares em Arte (GEMA) (que contou sempre com a prestigiada colaboração do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra), tem no Convento de Cristo uma base de trabalho qualificado e auspicioso, cujos resultados têm sido, sobretudo, vertidos nas áreas científicas e formativas.

Com uma periodicidade bianual, os CCCs iniciaram a sua trajetória logo em 2015, com um tema fulcral para a descodificação de um território artístico e cultural que não estava aprisionado a Tomar: **Arquitetura e ornamento em Tomar. Fixação e mobilidade**. O ornamento, entendido aqui não como elemento difuso, dependente e subsidiário da esfera da arquitetura, ganhou outra leitura enquanto recurso vital, autónomo e simultaneamente agregador de uma estratégia conjunta no plano da construção de um mundo perfeito e ideal. Nesta perspectiva, se o ornamento não pode ser dissociado de um circuito organizado e racionalizado pela arquitetura, a ele cabe a missão de fundamentar a inteligibilidade dos espaços ou clarificar e capitalizar a atmosfera criada. Ultrapassar a observação do ornamento como recurso meramente decorativo e captar a sua essência e função como elemento charneira de um discurso concertado, que também integra a visão onírica do desconcerto, foram os grandes objetivos deste primeiro CCC.



COLÓQUIOS
DO
CONVENTO DE CRISTO - CCC

**ARQUITECTURA E ORNAMENTO
EM TOMAR
FIXAÇÃO E MOBILIDADE**

CONVENTO DE CRISTO
TOMAR - 30 DE OUTUBRO 2015



ORGANIZAÇÃO: CEAACP/UC CC/DGPC
PARTICIPAÇÃO GRATUITA. SUJEITA A INSCRIÇÃO, ATRAVÉS DE:
SANDRACOSTA@CCRISTO.DGPC.PT
PROGRAMA DISPONÍVEL EM: WWW.PATRIMONIOCULTURAL.PT

 GOVERNO DE PORTUGAL
 SECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA
 PATRIMÓNIO CULTURAL
 CONVENTO DE CRISTO
 MUNICÍPIO DE TOMAR
 CONVENTO DE CRISTO

MONASTIC EQUIPMENT AND SPIRITUAL PRACTICE

II CONFERENCE ON THE CONVENT OF CHRIST

organisation
CEAACP-GEMA/UC
CC/DGPC

<http://coloquiosdoconventodecristo.weebly.com/>

**OCTOBER 12-13
2017**

CONVENT OF CHRIST
TOMAR, PORTUGAL



O II CCC, *Equipamentos monásticos e prática espiritual* (2017), constituiu-se como reflexão alargada sobre o espaço habitado pelas comunidades monásticas e sobre as ferramentas utilizadas, com vista à eficácia dos procedimentos em cada unidade espacial que integra o conjunto edificado. Organizado em 3 grandes áreas temáticas (O espaço devocional; Ordenação, regra e espaço; Quotidiano e reserva), o II CCC discutiu os modelos na construção das estratégias espaciais das ordens religiosas, refletiu sobre a suposta identidade das opções verificadas nas diversas filiações religiosas e estimulou o debate sobre a aparente estabilidade dos objetos fabricados para as várias dependências monásticas. A realidade instalada no Convento de Cristo foi, mais uma vez, o mote para a apresentação de propostas inovadoras, numa análise crítica do espaço e dos respetivos equipamentos que o preenchem, com extensão às ordens religiosas e militares no território europeu. A consciência de que a gestão das relações de poder e a manutenção das estruturas associadas equilibram um universo global onde as tensões entre o espiritual e o secular se resolvem, afinal, no espaço e nos equipamentos, associada à convicção da importância da divulgação dos resultados científicos produzidos, conduziu à sua publicação pelo Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja, no nº 7 da Coleção Bens Culturais da Igreja.

25 OUTUBRO 2019

Convento de Cristo, Tomar, 10h-18h



III CCC
COLÓQUIOS DO
CONVENTO DE CRISTO



A ORDEM DE CRISTO 700 ANOS COM FUTURO

Em 2019 (sempre em Outubro), o III CCC, *A Ordem de Cristo. 700 anos com futuro*, constituiu-se como patamar de reflexão e debate sobre os contributos da Ordem de Cristo na formação de um espaço cultural e patrimonial, com incidências ativas sobre os planos político e social. A discussão sobre um legado que se mantém até hoje ou, sobretudo, o posicionamento sobre um futuro de complexas interações no âmbito do património, foram as grandes linhas de força aqui desenvolvidas. Mais do que a identificação e a exploração de uma materialidade vivenciada, o que esteve em causa, e no ano em que se comemoraram os 700 anos da Ordem de Cristo, passou pelo confronto dos modelos interpretativos com consequências teóricas e práticas e por um conjunto de interrogações que alinha, em suma, passado, presente e futuro.



Centro de Estudos
em Arqueologia
Artes
e Ciências do Património



Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA
PORTUGAL



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA



PATRIMÓNIO
CULTURAL
Direção-Geral do Património Cultural



CONVENTO
DE CRISTO



FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA,
ESTUDOS EUROPEUS,
ARQUEOLOGIA E ARTES



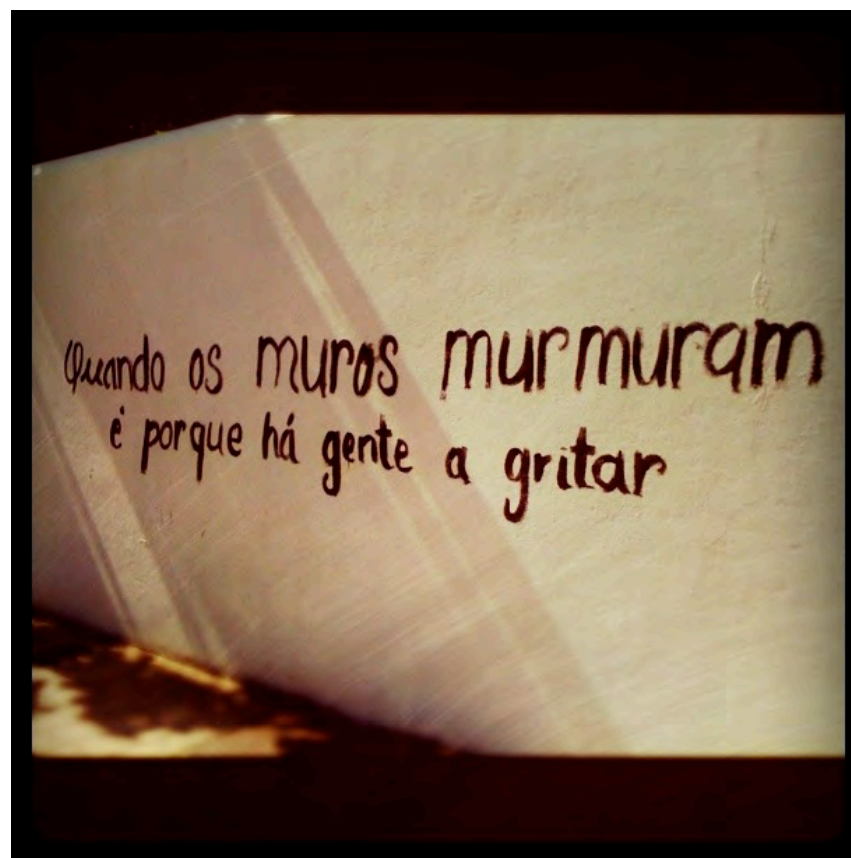
IHA

Herdeiro de uma longa prática interventiva desde a instalação templária, o Convento de Cristo em Tomar constitui-se como verdadeiro laboratório de experimentação do mundo, interface de uma rede cruzada de ambições políticas e religiosas que mobilizam a fertilidade deste território cultural. A marca CCC potencia, a uma escala internacionalizada, a exploração científica deste universo de referências culturais e patrimoniais e tem um papel ativo nos diversos domínios da divulgação e da formação. Nem mais nem menos, no estrito cumprimento dos grandes critérios que devem nortear as instituições de carácter científico com responsabilidades no âmbito social, cultural e patrimonial.



Equipamentos Monásticos e prática espiritual

Coord. **Maria de Lurdes Craveiro**
Carla Alexandra Gonçalves
Joana Antunes



“Pare, Escute e Olhe” | Rua da Piedade, Porto (Maio de 2013). (Foto de Joana Alves-Ferreira).

Quando os muros murmuram
é porque há gente a gritar

traços das
heranças



Projecto **INVISIBLE WOODS**

Daniel Pinto* | Gabriel Pereira* | Maria de Lurdes Craveiro*
Maria da Conceição Lopes* | Cristina Nabais**

*CEAACP | **CEF - Universidade de Coimbra

**“Era uma vez...Um rei! dirão imediatamente os meus pequenos leitores.
Não, meninos, enganaram-se. Era uma vez um bocado de madeira.”**

Carlo Collodi, *Pinóquio*

O projecto **INVISIBLE WOODS**, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, tem como principal objectivo estabelecer a datação e proveniência de madeiras históricas e arqueológicas utilizando a dendrocronologia, a ciência da datação dos anéis de crescimento das árvores. É um projecto interdisciplinar que envolve biólogos, arqueólogos, historiadores de arte, engenheiros e arquitectos. É um desafio estimulante cruzar estas áreas do conhecimento, com diferentes formas de pensar, enriquecendo a datação da madeira com a sua contextualização no espaço arqueológico, histórico e estrutural.

Este projecto, pioneiro em Portugal, veio preencher uma lacuna nesta área de investigação, sensibilizando a arqueologia, a história da arte, a engenharia e a arquitectura para a importância de colectar madeiras para datação. Para além da datação, os anéis de crescimento contêm informações importantes sobre o clima, sobre as condições de crescimento das árvores, dados importantes para a reconstrução climática dos locais. O estabelecimento da proveniência das madeiras pode enriquecer a história das transacções comerciais. A dendrocronologia permite acrescentar histórias à História.

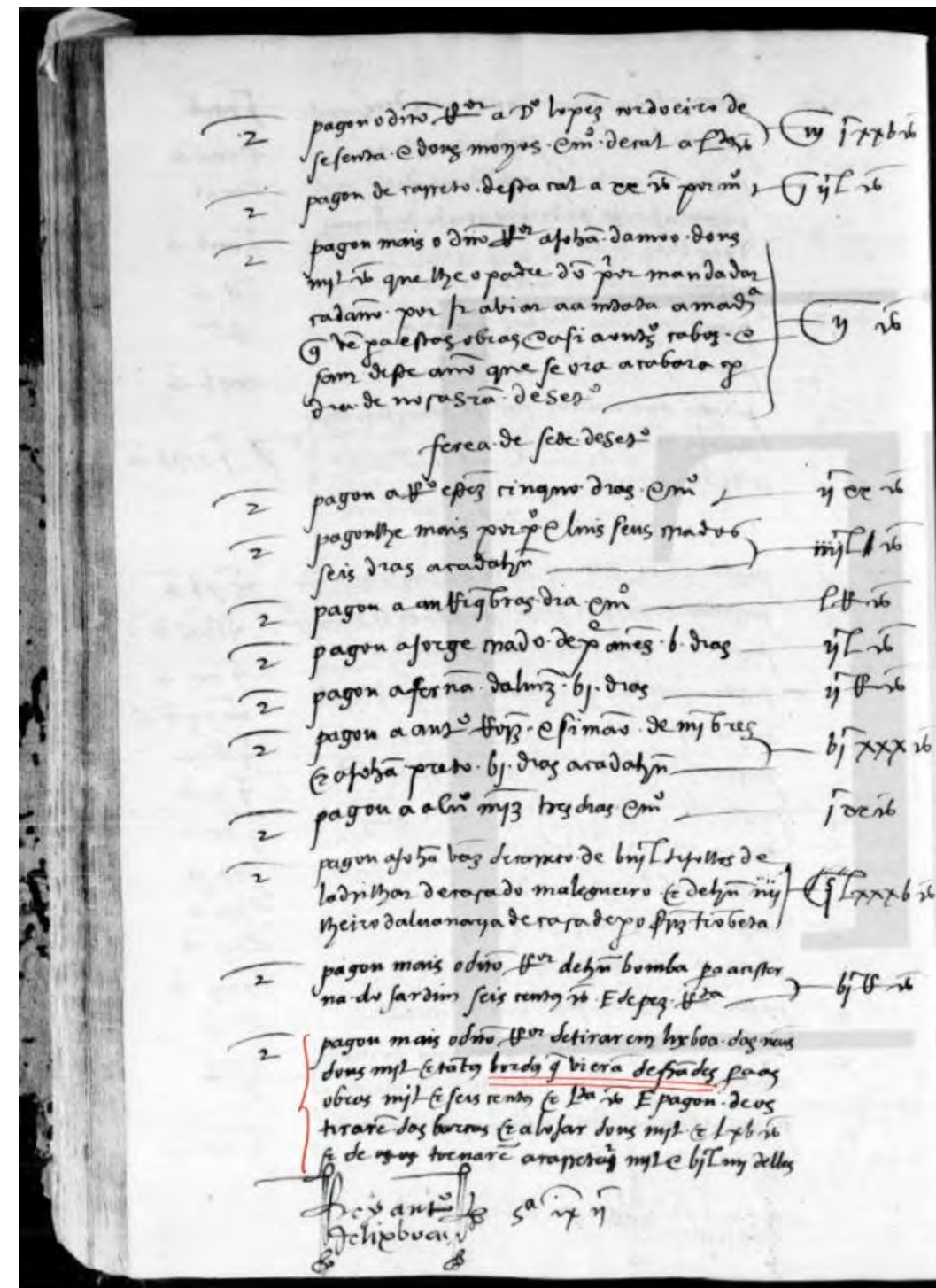




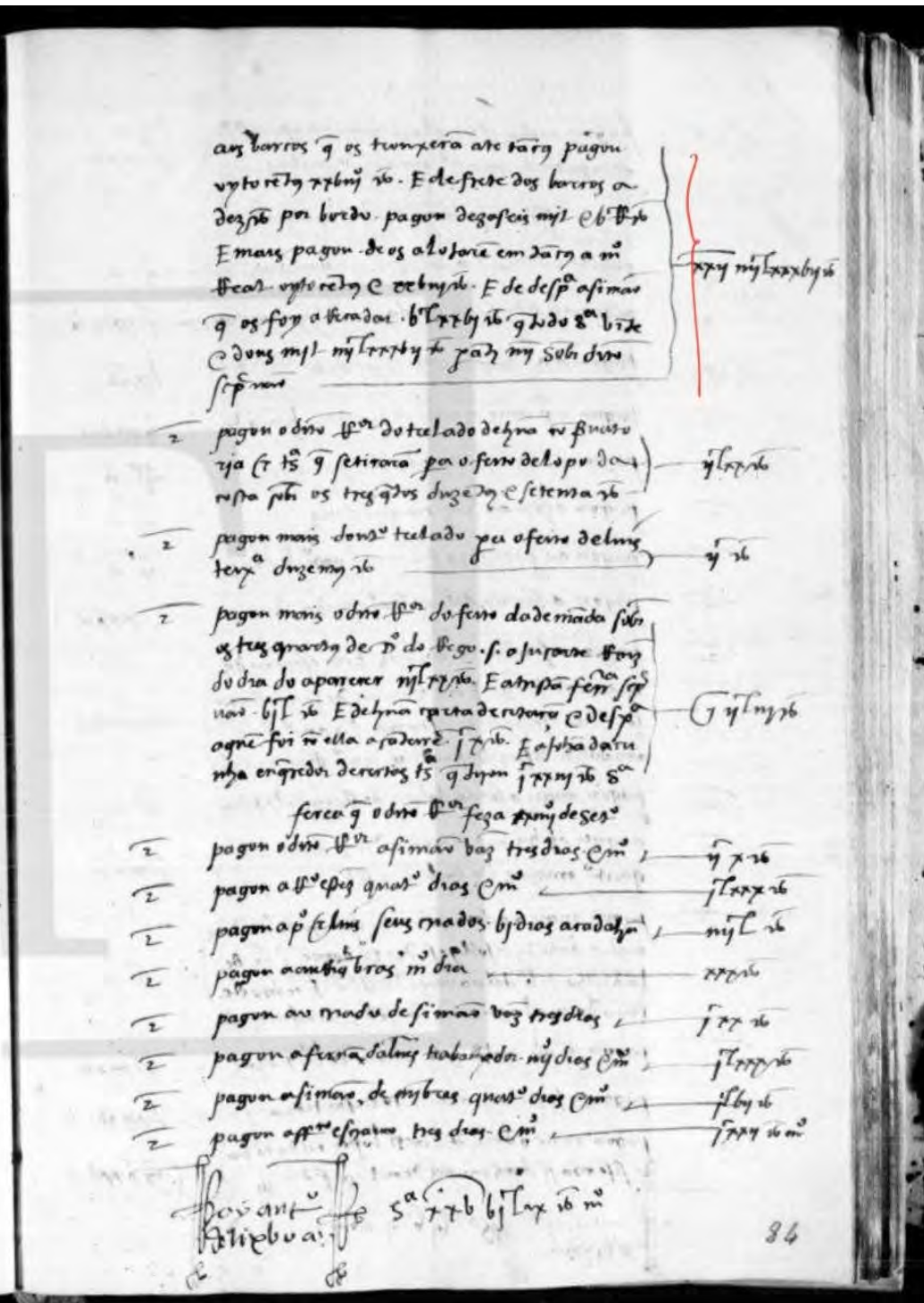
Amostra de Carvalho [10119]
A, Conde Barão- Lisboa

Dendrocronologia – Breve Nota Histórica e Conceitos Metodológicos

A Dendrocronologia é a ciência que estuda o padrão de crescimento dos anéis de crescimento das árvores, sendo o método de datação absoluta mais preciso para o estudo de artefactos de madeira (Haneca et al., 2009). As primeiras referências à forma como se desenvolve o crescimento das árvores remonta à Grécia antiga quando Theophrastus, um dos alunos de Aristóteles, se apercebe que uma árvore cresceu em torno de uma pedra, encerrando-a no seu tronco, concluindo que o crescimento da árvore acontece a partir da parte externa do tronco (Studhalter, 1956). No séc. XV, Leonardo da Vinci refere o carácter anual da formação dos anéis das árvores, e infere que deveria haver uma relação entre a largura dos anéis e as condições que a árvore teve para crescer (Stallings, 1937). No séc. XIX, um grupo de cientistas na europa e na américa estudaram, de forma independente, a sincronia dos padrões de crescimento de árvores da mesma espécie a crescer no mesmo local, e a sua relação com eventos climáticos (Studhalter, 1956). Mas o pai da dendrocronologia moderna, o primeiro a fazer investigação dendrocronológica de forma sistemática, e a estabelecer as bases do método de datação, foi Andrew Ellicott Douglass, fundando o primeiro Laboratório de Investigação em Dendrocronologia na Universidade do Arizona, nos Estados Unidos. Em climas com uma sazonalidade marcada, as árvores formam um anel de crescimento por ano, sendo possível através da contagem dos anéis estimar a idade das árvores. Para além do número de anéis, a medição do tamanho de cada um dos anéis permite construir um padrão, ou curva de crescimento, evidenciando anos em que as árvores têm anéis de maior ou menor dimensão, que correspondem a anos com melhores ou piores condições climáticas, respectivamente. As árvores da mesma espécie, e a crescer no mesmo local, e por isso, sujeitas a condições climáticas similares, deverão apresentar padrões de crescimento similares. Ou seja, quando se cruzam os padrões de crescimento de diferentes árvores deverão ser similares. Isto constitui o princípio básico da datação cruzada, o conceito basilar da dendrocronologia.



Despesas das obras do Convento de Tomar feita pelo Frei gaspar, fora da empreitada de João de Castilho.



Neste documento é dado a conhecer uma nota com encomenda com o tipo de madeiras (Bordos) e a sua proveniência (Flandres) - PT-TT-OCCT-H-002-0023_m0104.TIF - Torre do Tombo.

Douglass iniciou a construção de uma cronologia mestre para o sudoeste americano. Começou com a criação de um padrão de crescimento a partir de árvores vivas, das quais conhecia o ano do último anel presente, e começou a sobrepor outros padrões de crescimento de madeiras remanescentes de sítios arqueológicos da região. Este cruzamento de padrões de crescimento levou à construção de uma curva de crescimento datada, que poderia ser utilizada para sobrepor novos padrões de crescimento que iam sendo recuperados de sítios arqueológicos, datando essas amostras. Desta forma, permitindo saber que sítios teriam sido ocupados ao mesmo tempo e atribuir-lhes uma data de calendário exacta.

A aplicação da dendrocronologia à herança cultural está intrinsecamente ligada ao desenvolvimento desta ciência levada a cabo por Douglass no início do século XX. A história, história da arte e a arqueologia, têm beneficiado largamente com os resultados da investigação dendrocronológica. Os dados resultantes de uma investigação desta natureza, não passam só pela produção de uma data e o enquadramento de um sítio ou artefacto numa linha temporal. Através dos dados dendroarqueológicos é possível datar, inferir a sua eventual proveniência da com base na assinatura climática que fica registada nos padrões de crescimento das árvores. Sabendo a proveniência, podemos estudar trocas e rotas comerciais (náuticas ou terrestres). Para o período histórico, é essencial o cruzamento dos dados com a documentação escrita, que encerra em si informações importantíssimas (manifestos de carga, registos de compra e venda, livros de despesa, datas de construção, de abandono) que poderão ser corroborados, ou não, pelos resultados dendrocronológicos. Já para o período pré-histórico será sempre necessário, se for possível, cruzar os dados dendrocronológicos com datações relativas por exemplo, a tipologias de artefactos cronologicamente balizados para perceber se as datações poderão ou não ser válidas.

Casos de Estudo

Ao longo do projecto procuramos madeiras em vários contextos, desde edifícios a escavações arqueológicas. Neste rastreio estabelecemos uma rede de contactos com engenheiros e arquitectos especializados em reconstrução de edifícios antigos, assim como com empresas de arqueologia. Este passo foi fundamental para sensibilizar as várias áreas do conhecimento para a importância da dendrocronologia como uma fonte adicional de informação. Muitos dos locais de amostragem, especialmente edifícios, apresentavam

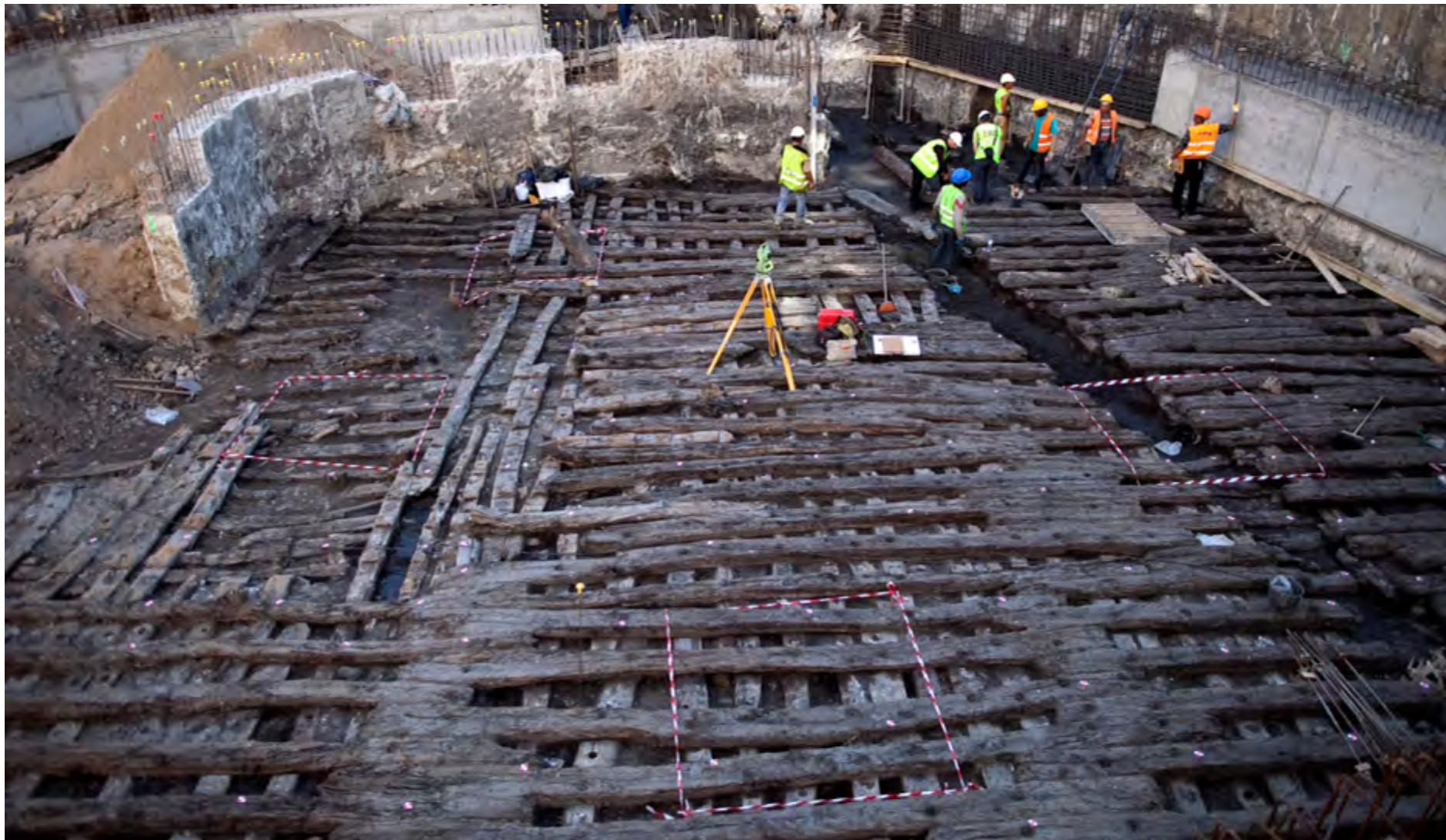
madeiras com um número reduzido de anéis de crescimento, o que impossibilita a sua correcta datação. No final, ficámos com 5 casos de estudo com um potencial enorme para a datação dendrocronológica: três escavações arqueológicas da zona ribeirinha de Lisboa, Praça D. Luiz, Largo Conde Barão e Campo das Cebolas; o majestoso cadeiral do Mosteiro de Santa Cruz em Coimbra; os cachorros do corredor do cruzeiro no Convento de Cristo em Tomar.

Zona Ribeirinha de Lisboa

Igreja de Santa Cruz, Coimbra

Convento de Cristo, Tomar





Ao lado - Aspecto geral da grade de três camadas horizontais em madeira fixas entre si por estacaria vertical.

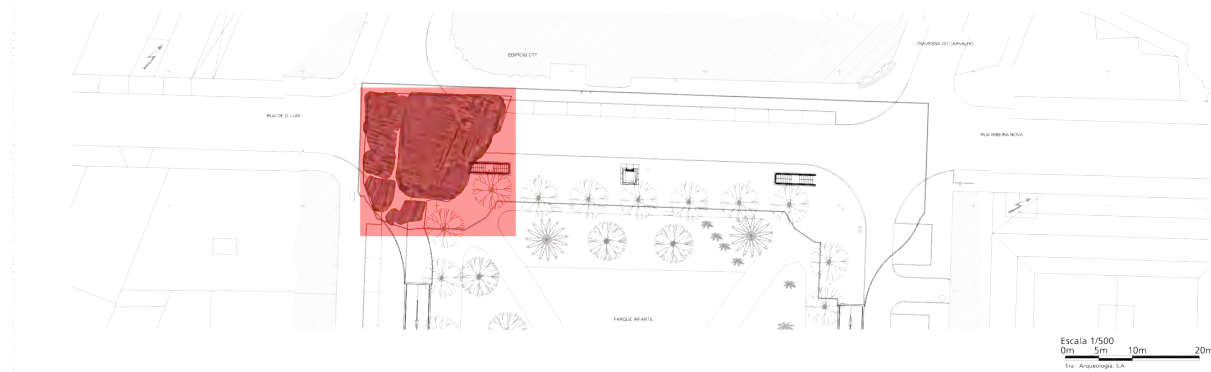
Próxima página - Planta com as diferentes camadas identificadas e localização das amostras recolhidas.

Zona Ribeirinha de Lisboa

Lisboa foi ao longo dos tempos um local que suscitou profundo interesse, desde logo, graças às suas características naturais, profundamente potenciadas pela estreita relação que sempre manteve com o Rio. Situada na margem norte do estuário do Tejo, tirando partido de forma estratégica da frente atlântica, Lisboa é uma das mais antigas cidades da Europa e carregada de mistérios e sítios mágicos que a arqueologia tem vindo a revelar...

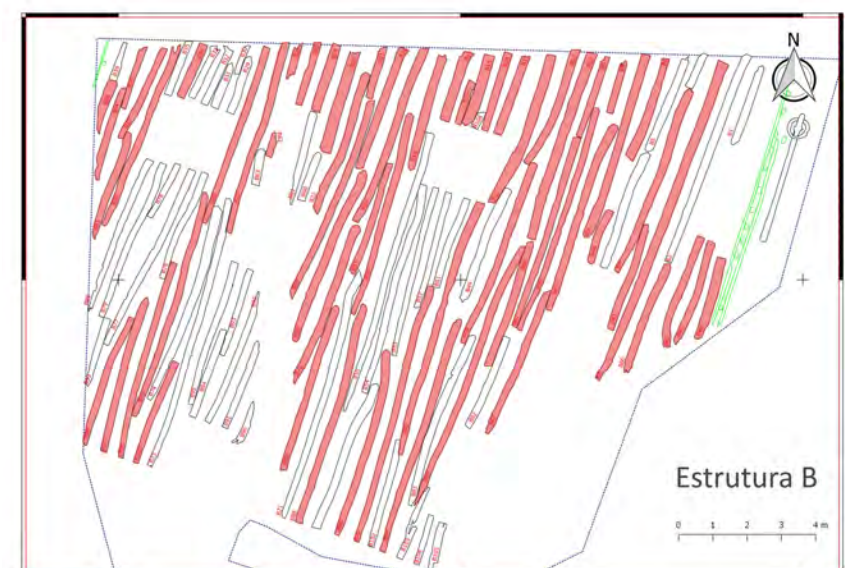
Praça D. Luís I | rampa de maré, séc. XVII/XVIII

No canto Noroeste da Praça D. Luís I em Lisboa, foi identificada uma grade de maré e, de acordo com a equipa de arqueologia e a documentação que chegou até nós, datada do século XVII/XVIII, estando esta, associada a uma estrutura de cariz naval, provavelmente um estaleiro. A rampa que funcionaria em função da maré, permitiria a colocação das embarcações em seco e posteriormente o lançamento de novo à água.



Praça D. Luís

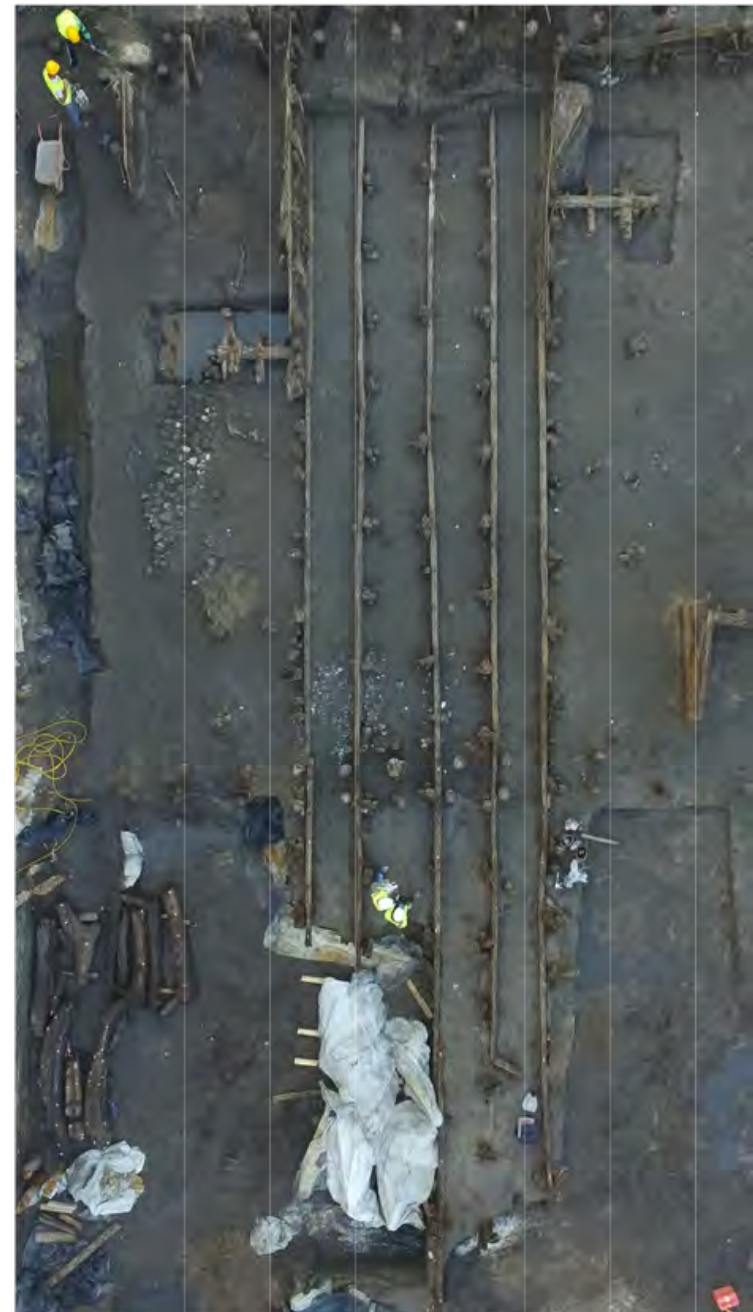
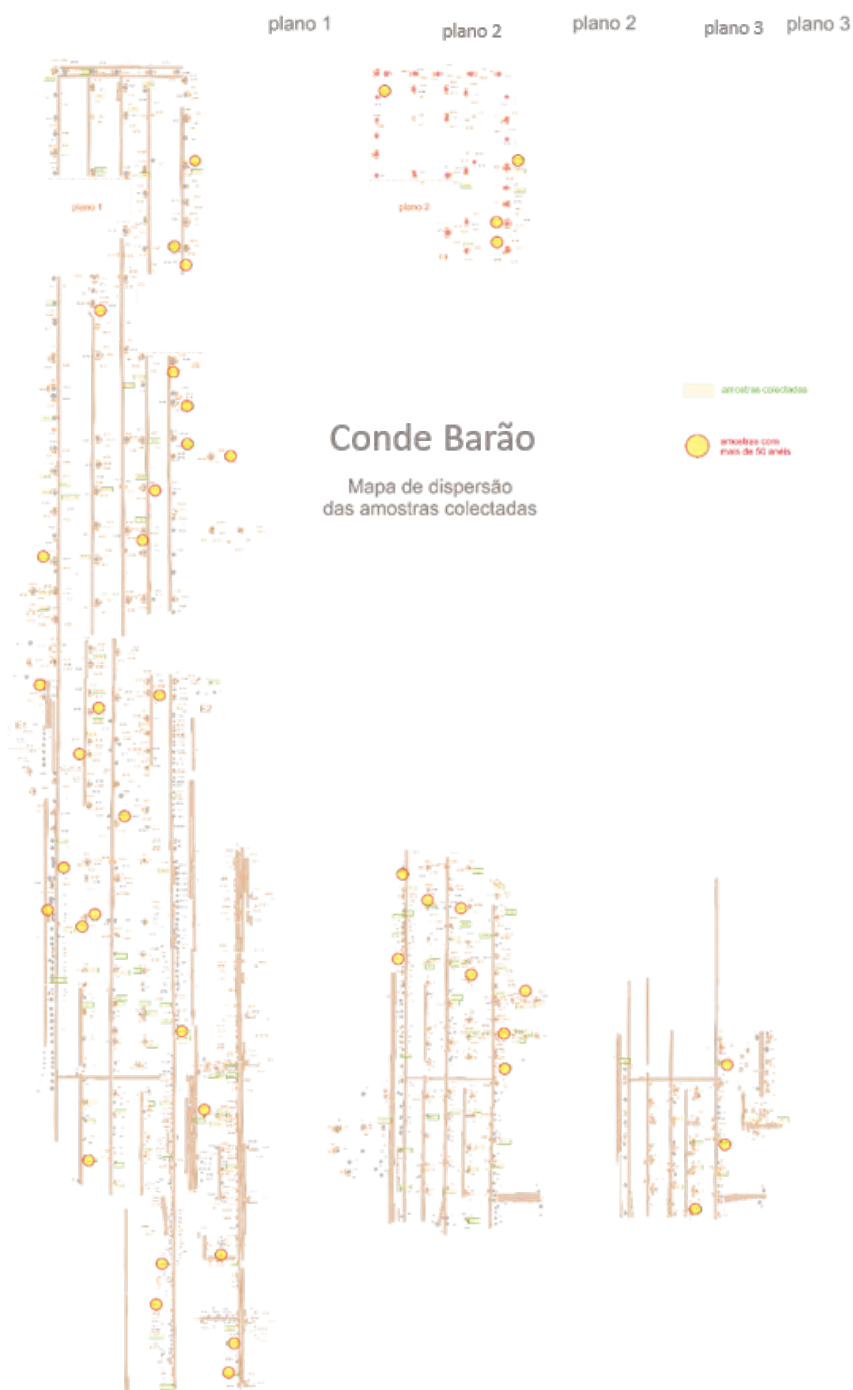
Planta esquemática de amostragem



Conde Barão | estaleiro naval, século XVII

Após o desmonte e escavação dos elementos fundacionais das estruturas fabris, identificados no espaço do Antigo

Edifício Sorel, foram postos a descoberto várias estruturas em madeira que correspondem a momentos distintos de ocupação funcional do espaço em análise, nomeadamente, à utilização desta área enquanto frente fluvial.



Aspectos da intervenção arqueológica e do processo de amostragem, ao centro o mapa com a localização na estrutura das amostras as recolhidas.



Francisco Milcent 1785



Carta topográfica 1826



Aspecto da evolução da linha de costa desde 1785 e 2016 e a localização da intervenção que colocou a descoberto as estruturas portuárias de onde provêm as amostras recolhidas.

Campo das Cebolas | estaleiro naval, século XVII

No processo de escavação do Campo das Cebolas, para além de todo o espólio fino, e estruturas de carácter portuário em alvenaria, foi identificado um conjunto considerável de embarcações e passadiços de madeira, um dos quais ainda tinha atracados alguns barcos.



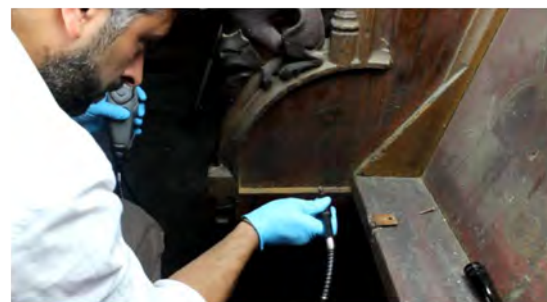
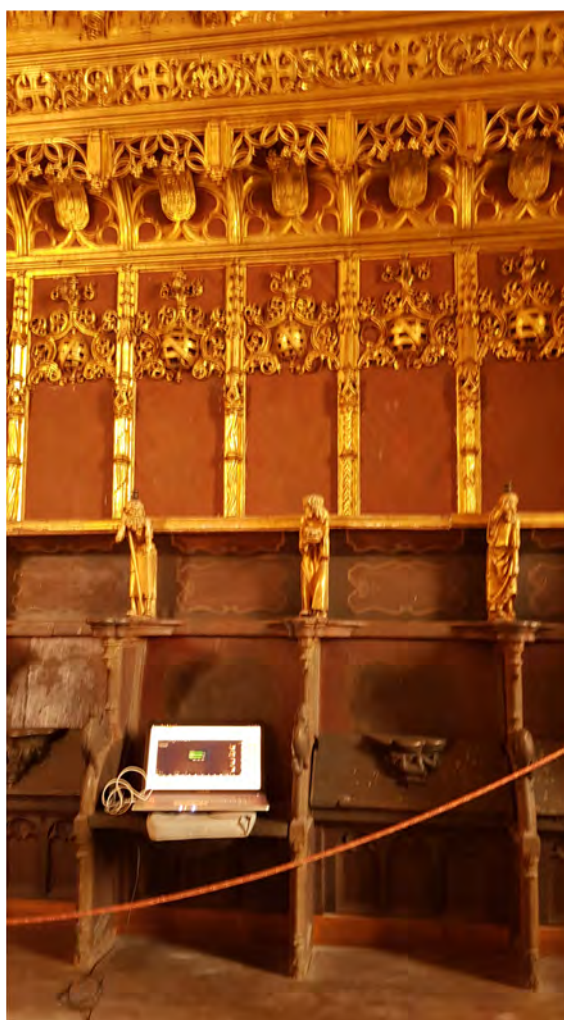
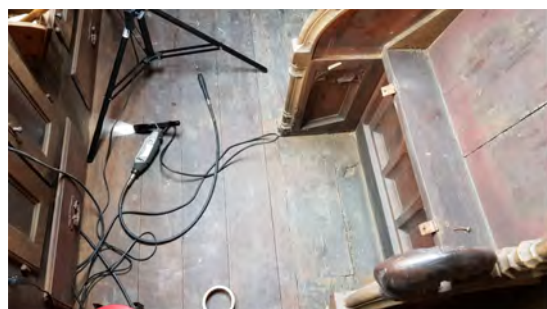
Em cima: Aspecto do local da intervenção arqueológica com o implante das estruturas sobre orto.
Página ao lado: Aspectos da intervenção arqueológica e das estruturas onde foram colectadas as amostras.



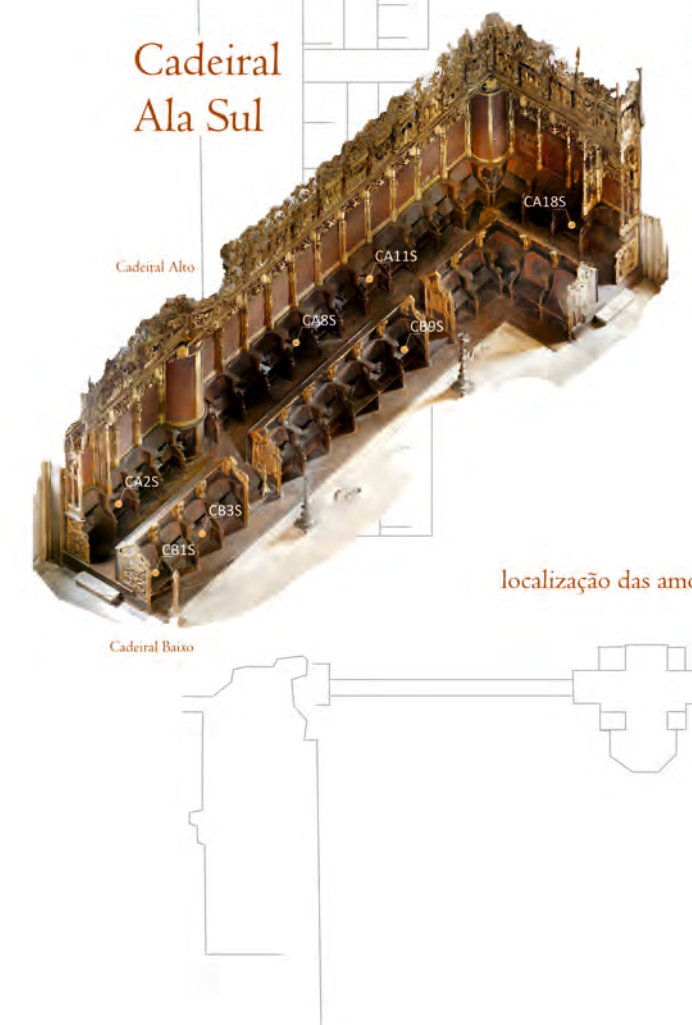
Igreja de Santa Cruz

Cadeiral, século XVI

O cadeiral, inicialmente na capela-mor da igreja, é da autoria de Olivier de Gand e foi construído entre 1507 e 1513, data em que sofreu uma intervenção do mestre Machim. Por volta de 1531, com a deslocação dos túmulos régios para este espaço, transferiu-se o cadeiral para o recém-construído coro-alto. Para dar forma às necessárias adaptações às dimensões do novo local, coube ao mestre francês Francisco Lorete o acrescento de 16 cadeiras, tendo sempre em conta e respeitando a linguagem estética da primeira fase de construção.



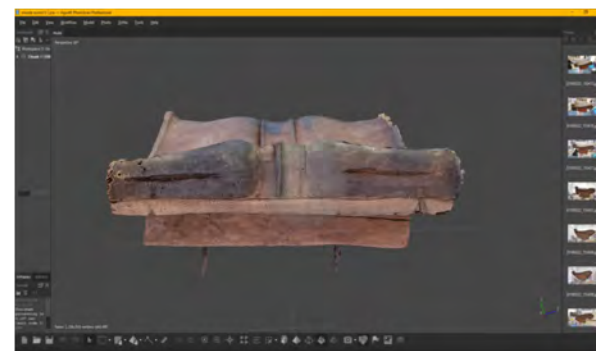
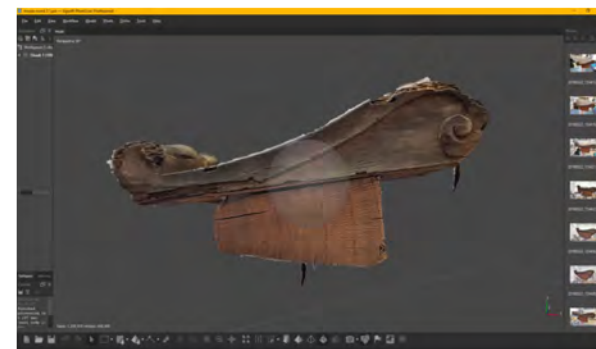
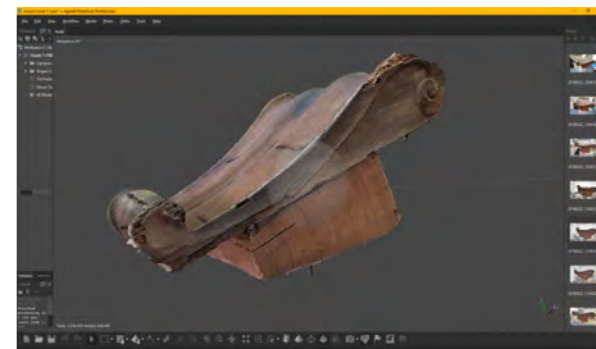
Cadeiral da Igreja



Convento de Cristo

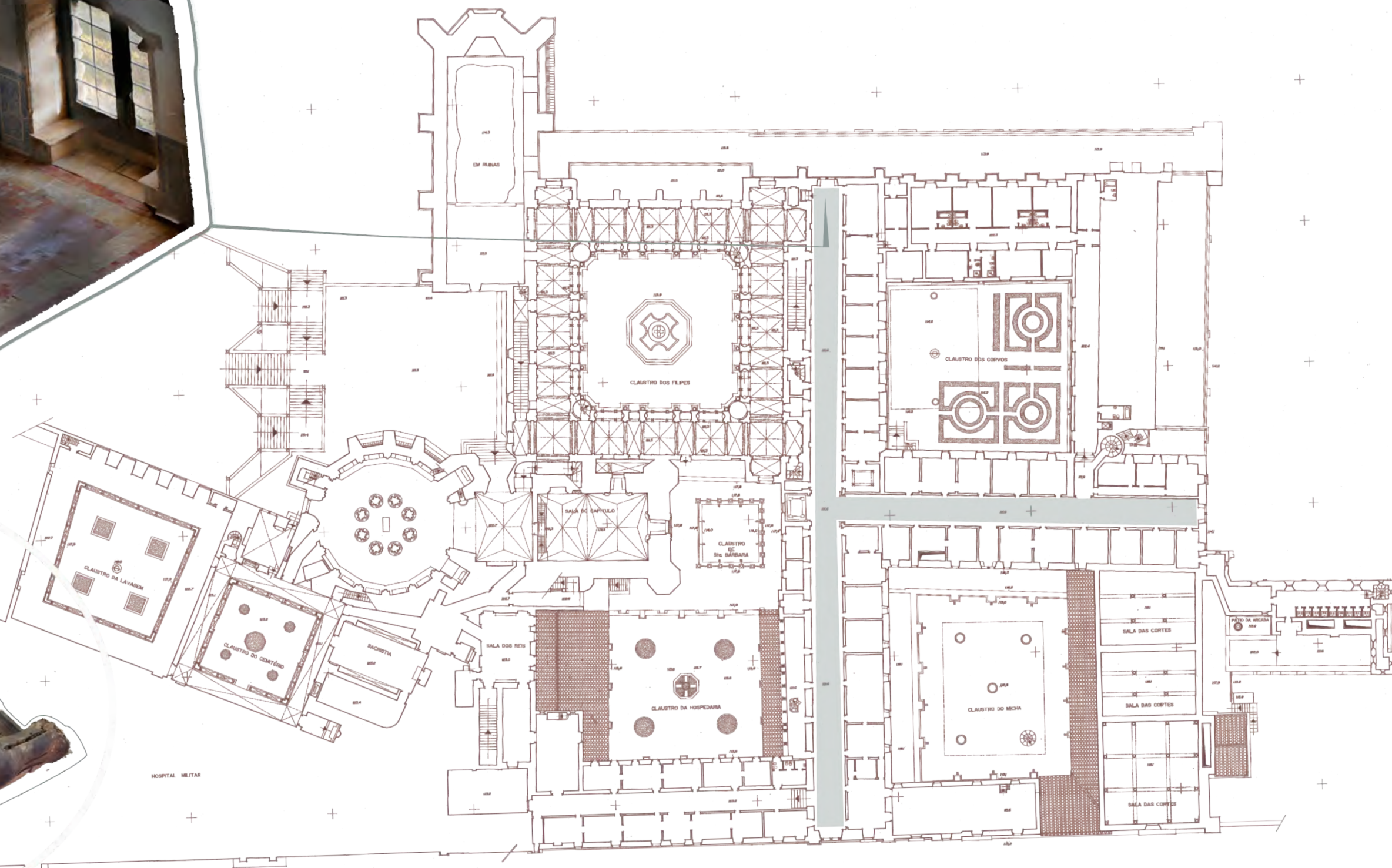
Tomar, século XVI

Pelas teias do azar chegou-nos às mãos uma das mísulas do corredor do dormitório novo. Por via de problemas estruturais causados por infiltrações no tecto desprendeu-se do seu suporte o que nos permitiu avançar com o seu estudo.



Em cima - Aspectos dos trabalhos de inspeção registo, modelação das mísulas ao longo dos corredores do dormitório.

Página ao lado - Planta com os corredores do dormitório a cinzento onde se encontram as mísulas e no canto superior esquerdo, aspecto do topo norte do corredor com as mísulas visíveis na base da abobada.



Planta piso 3 - Convento de Cristo
Arquivo do Convento de Cristo

Bibliografia

Andrade, J.P. (2011) *Dendrochronology applied to the Humanities: dendrochronological analysis of historical and archaeological timbers from The Netherlands*. Dissertação de mestrado, Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, 2011.

Antunes, J. (2010) *Uma Epopeia entre o Sagrado e o Profano: o Cadeiral de Coro do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra*. Dissertação de mestrado, Coimbra, FLUC, 2010.

Bridge, M. (2012) Locating the origins of wood resources: a review of dendroprovenancing. *Journal of Archaeological Science*. 39: 2828-2834.

Cook E. R.; Kairiukstis, L. A. (1990) *Methods of dendrochronology. Applications in the Environmental Sciences*. Kluwer Academic Publishers. 393 pp.

Daly, A. (2007) *Timber, Trade and Tree-rings. A dendrochronological analysis of structural oak timber in Northern Europe, c. AD 1000 to c. AD 1650*. PhD thesis, University of Southern Denmark. 288 pp.

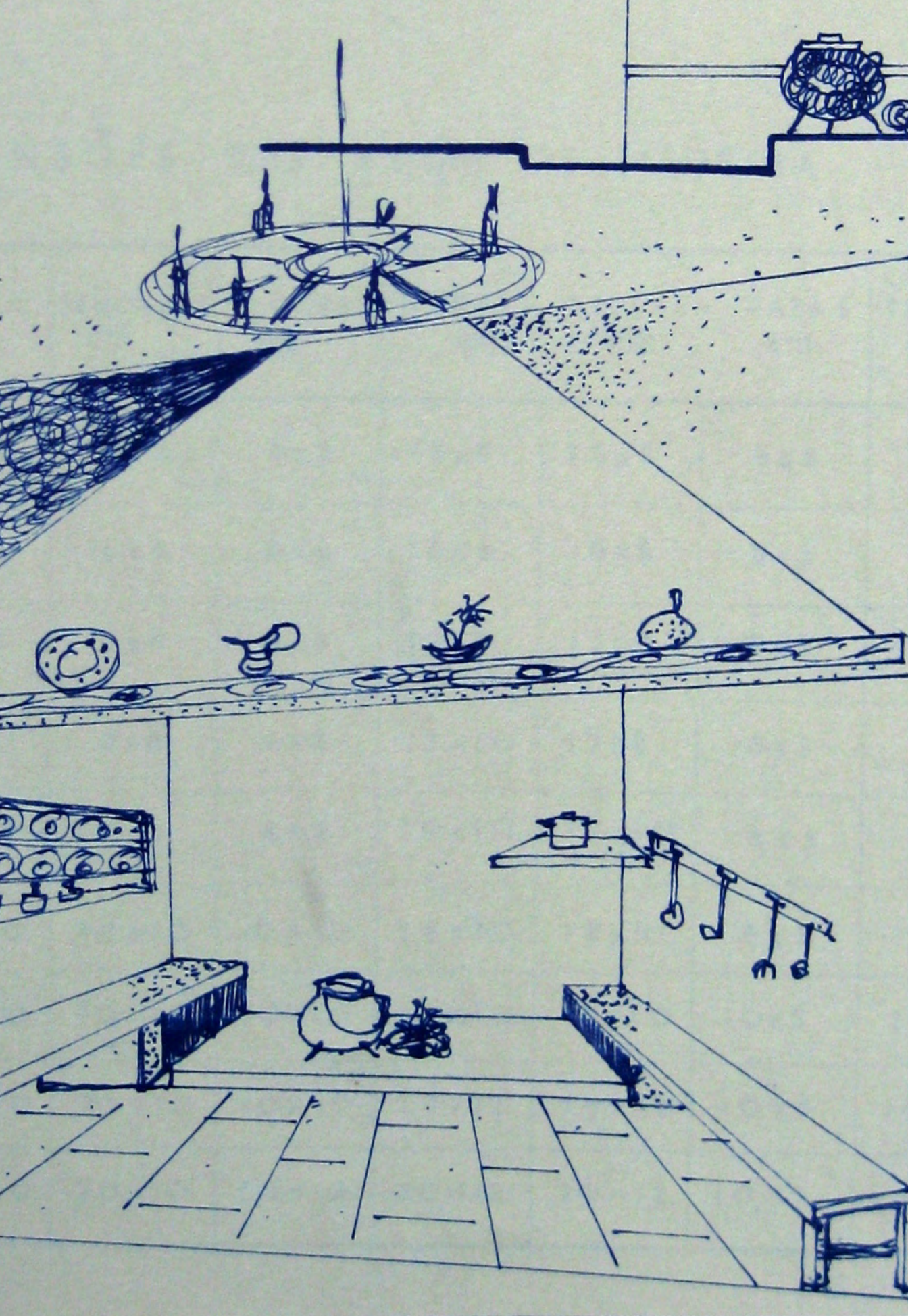
Domínguez-Delmás, M.; Alejano-Monge, R.; Van Daalen, S.; Rodríguez-Trobajo, García-González, I.; Susperregi, J.; Wazny, T.; Jansma, E. (2015) Tree-rings, forest history and cultural heritage: current state and future prospects of dendroarchaeology in the Iberian Peninsula. *Journal of Archaeological Science*. 57: 180-196.

Faria, M. F. (2012) *Do Terreiro do Paço à Praça do Comércio – História de Um Espaço Urbano*. INCM – Imprensa Nacional-Casa da Moeda. 327 pp.

Haneca, K.; Wazny, T.; Van Acker, J.; Beeckman, H. 2005. Provenancing Baltic timber from art historical objects: success and limitations, *Journal of Archaeological Science* 32-2, p. 261–271.

Relatório dos trabalhos arqueológicos | Dom Luís I | Projecto nº 1021.11.





O Programa de Renovação Rural

Notas para um estudo das intervenções de reabilitação em áreas rurais no Estado Novo

Vítor Ribeiro | CEAACP - Universidade do Algarve

O mito da vocação rural do povo português constituiu um dos mais fortes traços característicos do Estado Novo salazarista e da sua propaganda, sem que tal, porém, se tenha traduzido em políticas consistentes de desenvolvimento e valorização das áreas rurais. Afinal, outro dos seus mitos, o da vocação de pobreza, justificava que se deixasse o povo “viver habitualmente”, ainda que tal significasse fazê-lo em “inconfortável cortiço, mais próprio de animais”, como oportunamente assinalou Aquilino Ribeiro.

Ainda assim, no início da década de 1960, quando a vacuidade de ambos os mitos havia já sido posta a nu pelo crescente êxodo rural, a Junta de Colonização Interna (JCI) irá lançar, através de um novo serviço criado para o efeito, a Secção de Bem Estar Rural, um ambicioso *programa de renovação rural*.

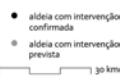
Com o objetivo de “promover a renovação e o ressaneamento das aldeias”, o programa visava, fundamentalmente, resolver o premente problema das (más) condições de habitação rural que, duas décadas antes, o *Inquérito à Habitação Rural* havia denunciado.

Partindo desse pressuposto, a proposta que então se desenhou, contemplava a intervenção, não só no edificado privado, mas também no espaço público, nas redes de infraestruturas e nos equipamentos de utilização pública, através de apoio financeiro concedido ao abrigo da Lei dos Melhoramentos Agrícolas (Lei n.º 2017, de 25/06/1946).

Ambicioso nos objetivos proclamados, mas limitado nos meios de que dispôs e parco nos resultados obtidos, o programa, iniciado em 1960 e encerrado em 1974 com a extinção da JCI, não deixou, ainda assim, de revelar alguns aspetos que merecem ser destacados pela sua importância precursora. Efetivamente, ao adotar uma abordagem multisetorial e multi e interdisciplinar e ao propor a valorização turística e a diversificação do emprego em áreas rurais, o programa antecipa conceitos, como os da reabilitação integrada ou da multifuncionalidade, pluriatividade e plurirrendimento das áreas rurais, mas também ações, como os programas de revitalização de aldeias, que só mais tarde a doutrina e a prática consagrarão.

Dos documentos e publicações consultados é possível concluir que até ao final de 1972 terão sido beneficiadas pelo programa cerca de 41 aldeias, de um universo de 94 candidaturas, e 1523 habitações. Números (muito) escassos, face à dimensão das necessidades, é certo, mas que denunciam um esforço que, embora se tenha revelado ineficaz no combate ao êxodo rural, seu objetivo último, consideramos merecedor de estudo mais aprofundado, nas suas várias dimensões.

Figura 2 (página ao lado) – O ordenamento constituía uma das preocupações centrais do programa. Aldeia de Prados: Plano Director. Fonte: JCI - Junta de Colonização Interna (ed.), 1963-65. Aldeia de Prados: Programa de Renovação Rural. Lisboa: JCI.



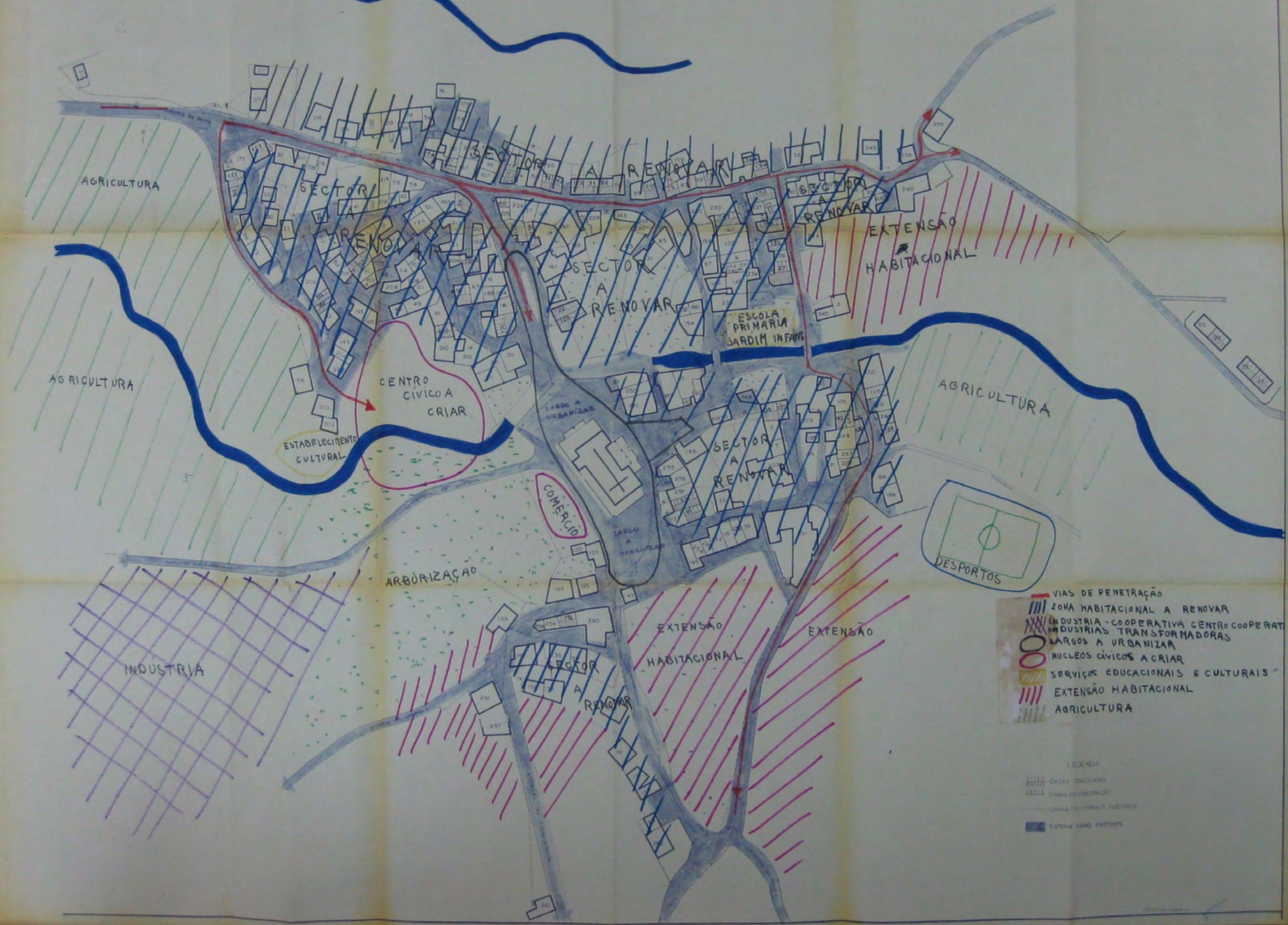




Figura 3 – Lugar de Prados, Habitação n.º 31: depois das obras (a) e em 2013 (b). Fonte: JCI, 1963-65, op. cit. (a) e Vítor Ribeiro, 2013 (b).

Figura 4 (página ao lado) – Lugar de Prados, Habitação n.º 40: plantas da situação existente e da proposta a executar (a) e antes e depois das obras (b). Fonte: JCI, 1963-65, op. cit.

As intervenções abrangiam a reconfiguração dos espaços internos das habitações, promovendo, em particular, a separação, por sexos, de quartos de cama e a criação de instalações sanitárias, podendo implicar a ampliação do fogo quando a sua área coberta fosse considerada insuficiente.

ALDEIA DE PRADOS

SERVIÇO PARA O BEM ESTAR RURAL



ANTES



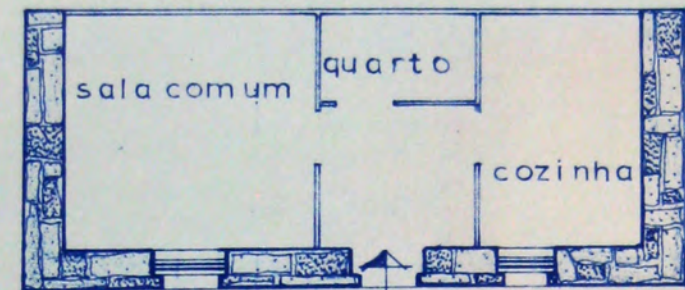
DEPOIS

FOGO Nº 40 PERTENCENTE
A ANTONIO REI MATIAS

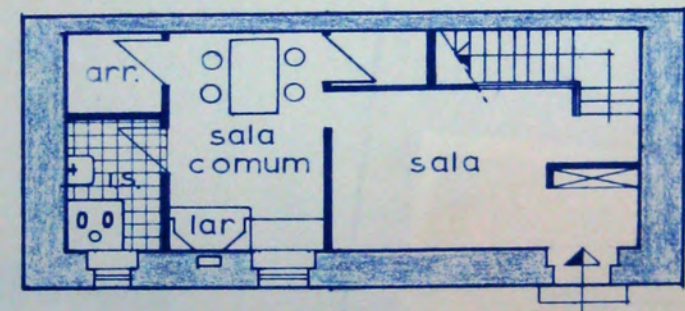
HABITAÇÃO RENOVADA

SERVIÇO PARA O BEM ESTAR RURAL LUGAR DE PRADOS HABITAÇÃO Nº 40

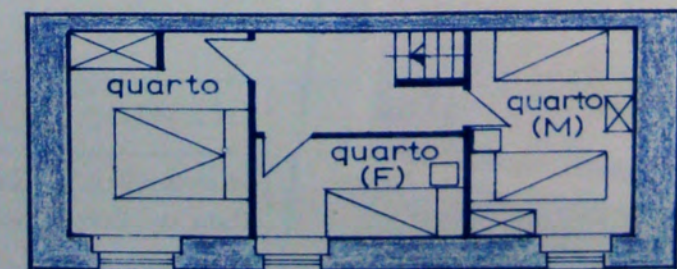
P.



ACTUAL



1º PISO
A EXECUTAR



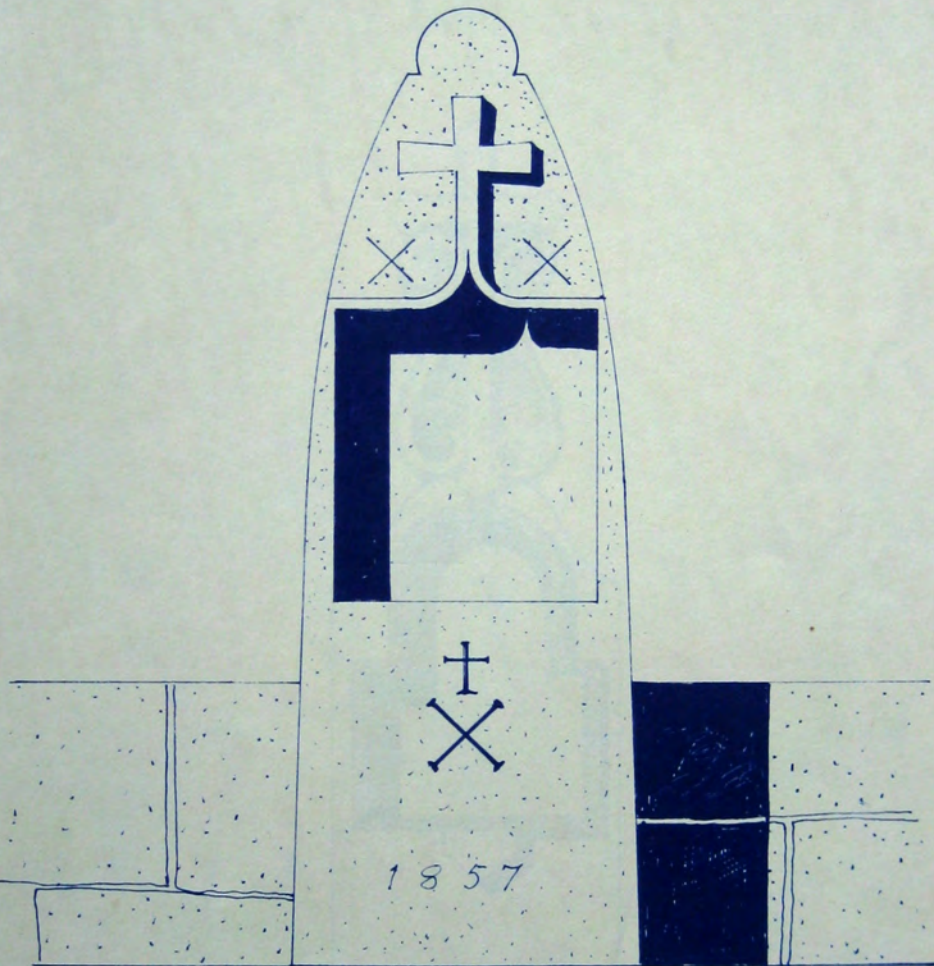
2º PISO
A EXECUTAR

Esc. 1:100

BEM ESTAR RURAL

ALMINHAS TIPO 1

A

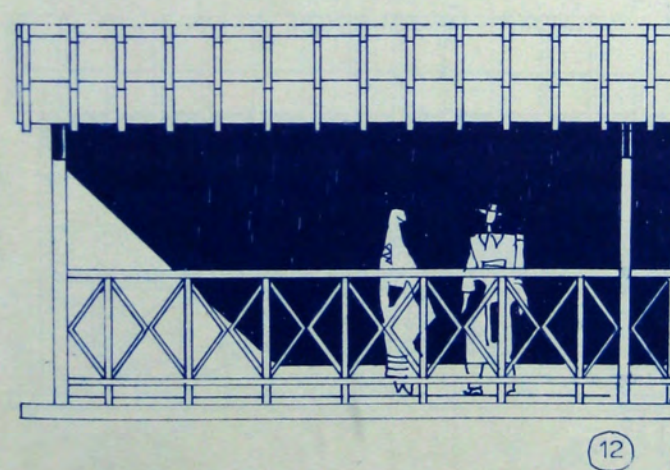
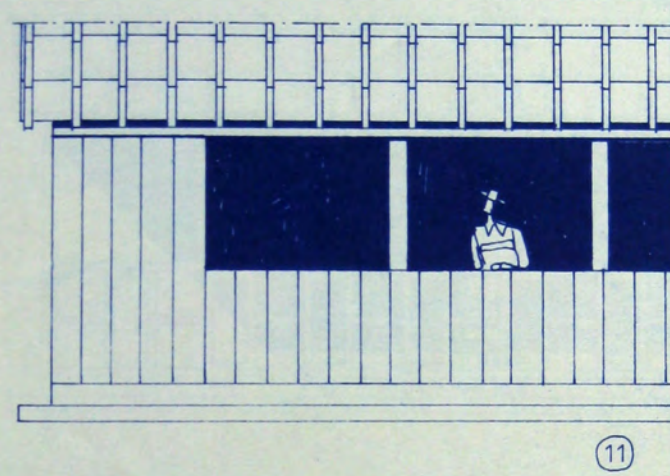


arq
pinto
machado
ESC. 1:50

BEM ESTAR RURAL

BALCÃO TIPO

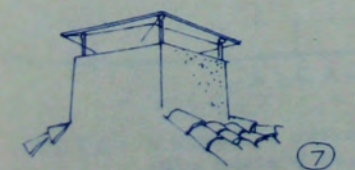
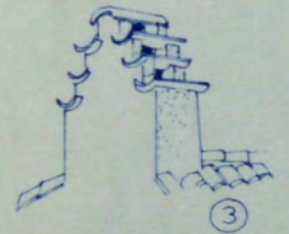
B



arq
pinto
machado
ESC. 1:50

BEM

FU



BEM ESTAR RURAL

FUGAS DE CHAMINÉS

C



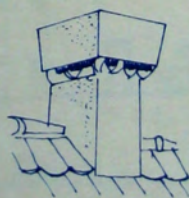
2



4



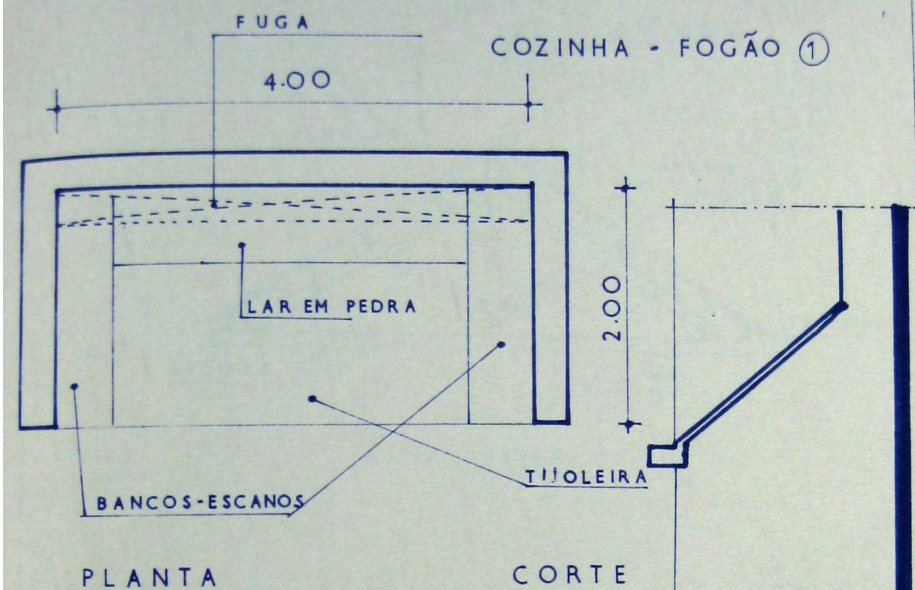
6



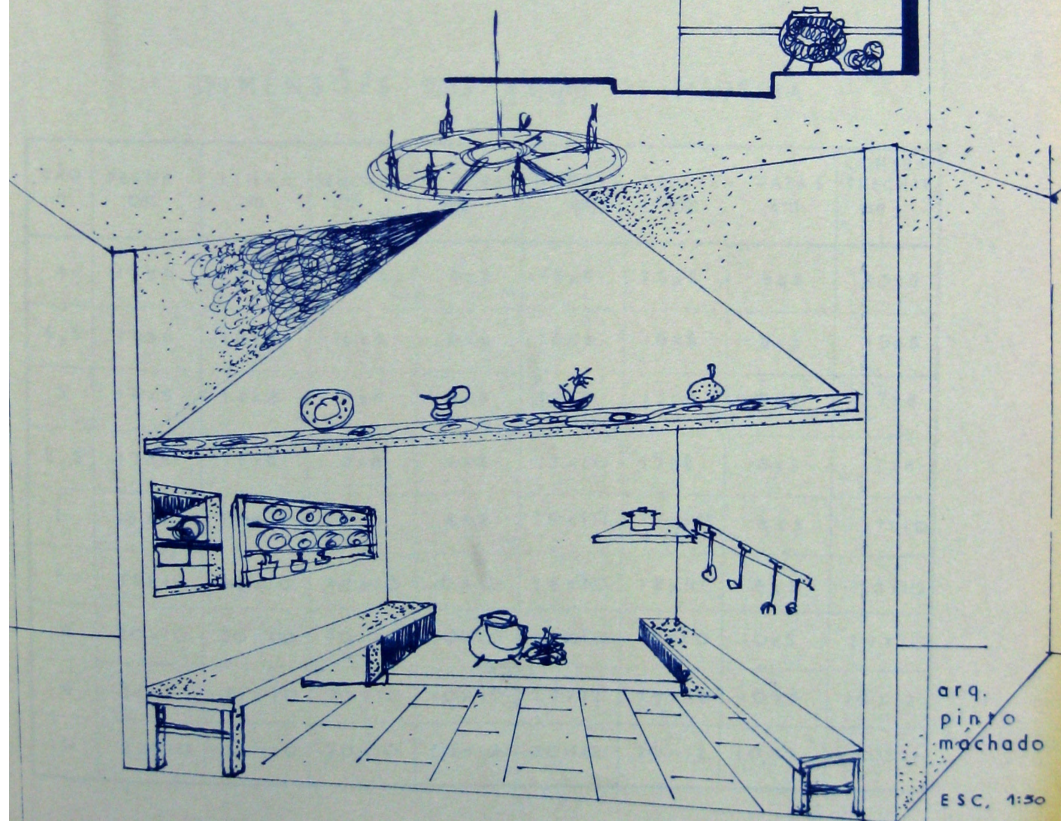
8

arq.
pinto
machado

BEM ESTAR RURAL



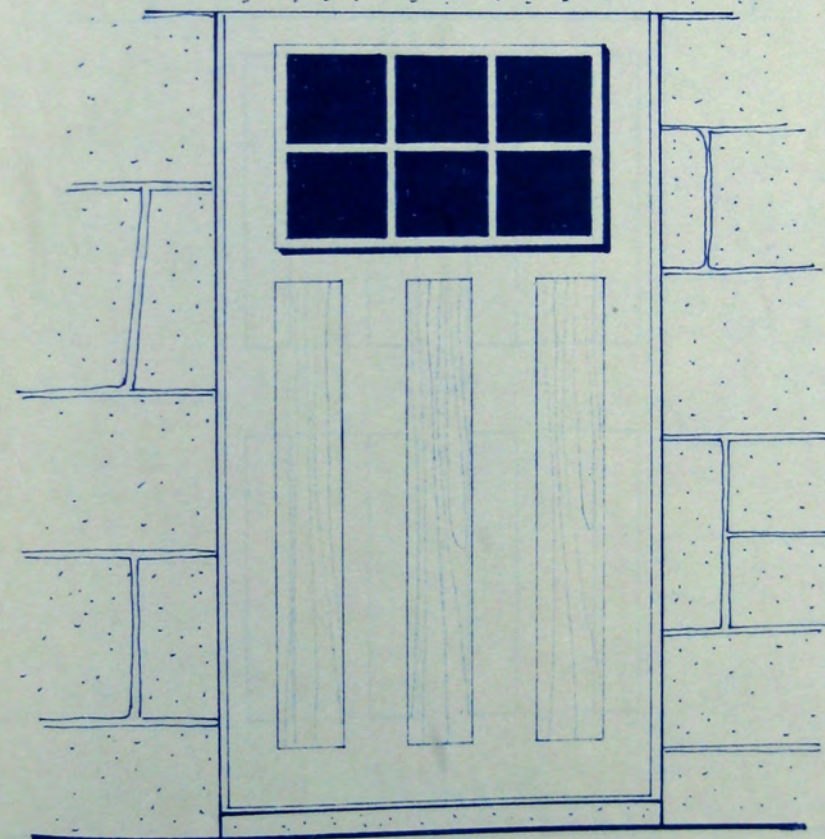
C



BEM ESTAR RURAL

PORTA TIPO 1

P



arq.
pinto
machado

1:15

Figura 5 – Alminhas tipo 1, Balcão tipo A, Fugas de chaminé, Cozinha – fogão, Porta tipo 1. Embora rejeitasse a uniformização de tipos arquitetônicos (casas-tipo), o programa admitia a normalização (e produção em série) de alguns elementos. Fonte: JCI, 1963-65, op. cit.

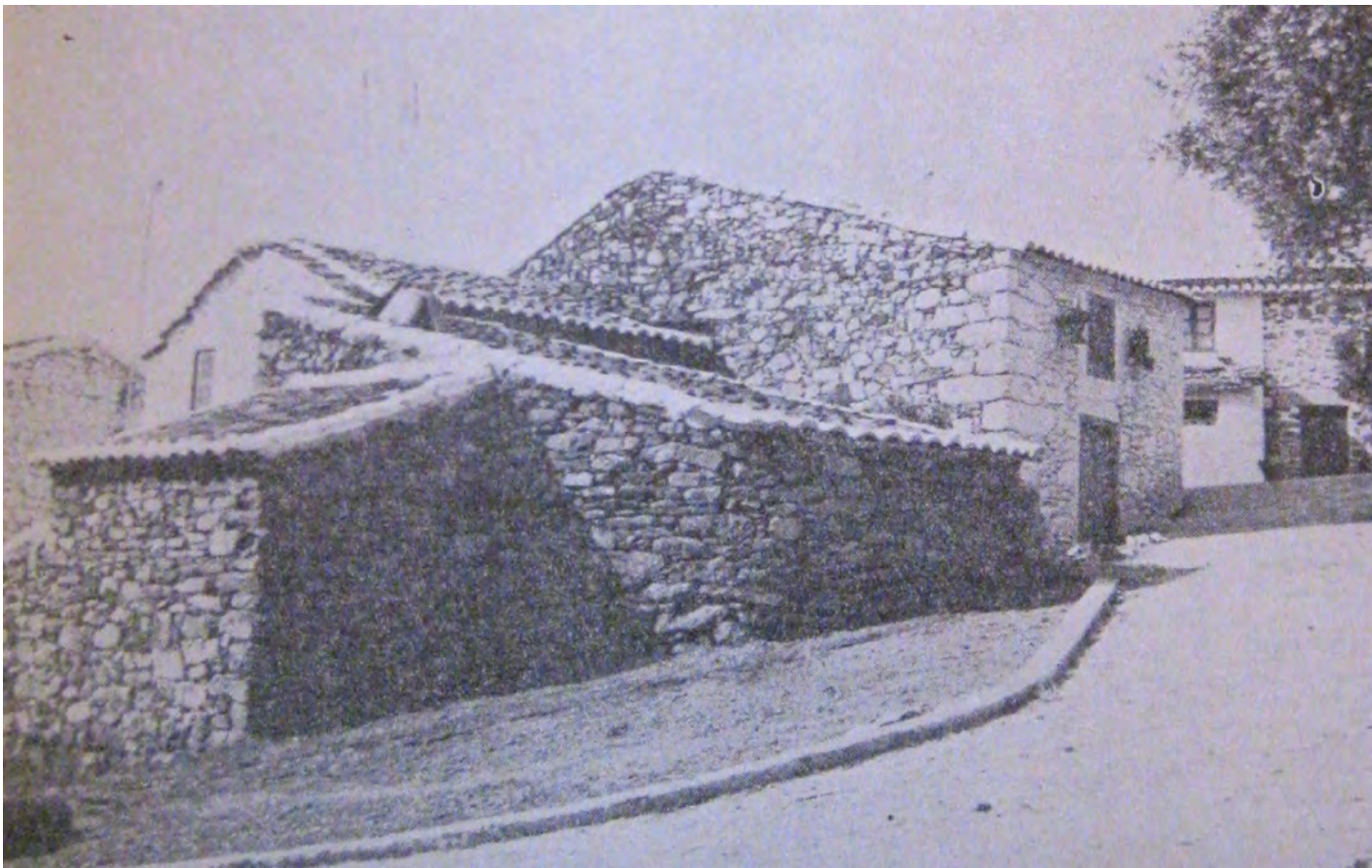
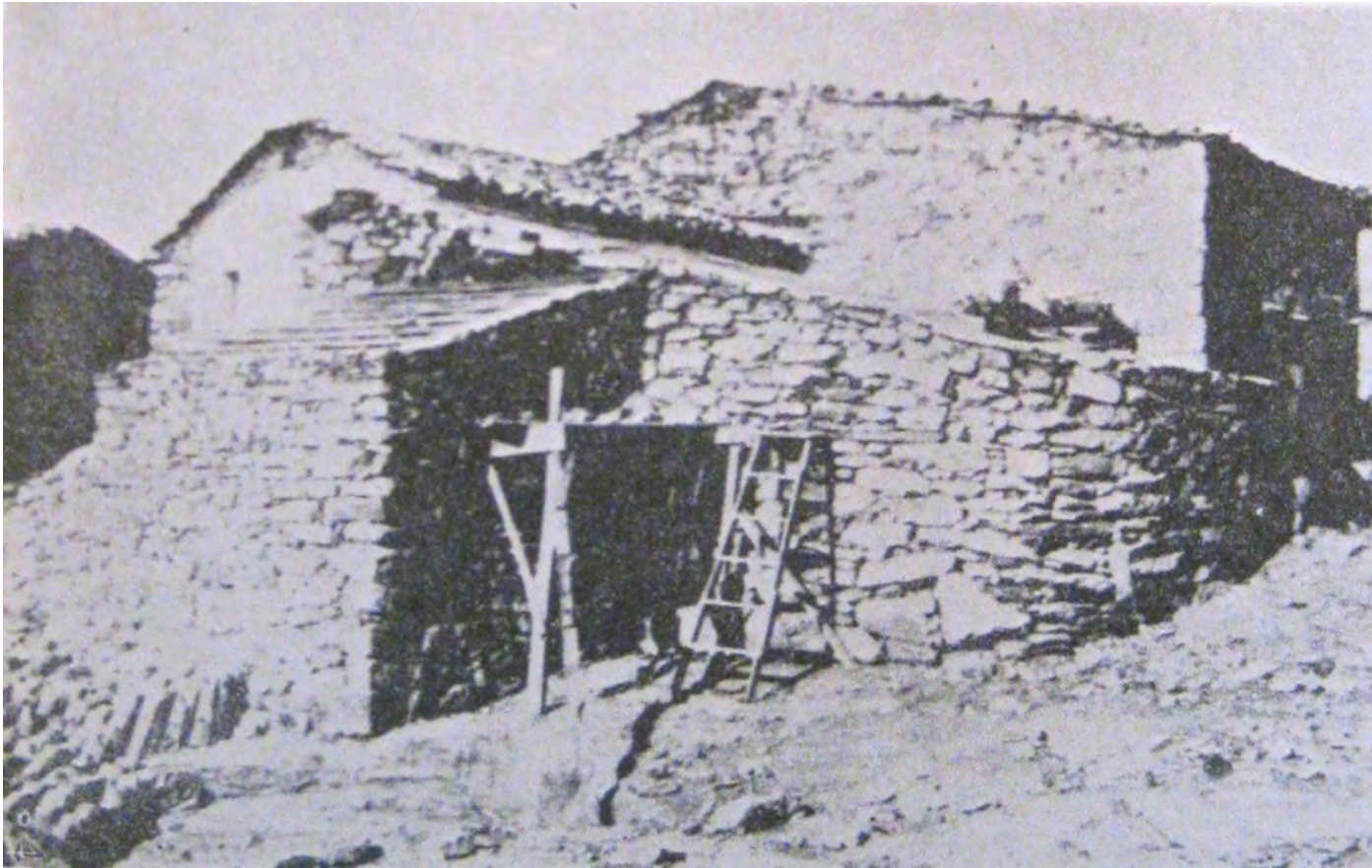




Figura 6 – Habitação beneficiada em Vale do Couço (Mirandela), uma das primeiras aldeias transmontanas "melhoradas": antes (página anterior, em cima) e depois (página anterior, em baixo) das obras, e em 2013.



Figura 7 – Vilaverdinho (Mirandela): "A casa do canto", antes (em cima) e depois (em baixo) das obras, e em 2013 (ao lado).

Intervir na melhoria das condições de habitabilidade mas "sem modificar o aspecto geral do povoamento nem as características das habitações", constituía outra preocupação fundamental do programa. Fonte: Vasco Lobo e Alfredo da Mata Antunes, 1960. Problemas actuais da pequena habitação rural. Coimbra: DGSU; CEU (6a, 6b); JCI, 1963. Vila-verdinho: uma aldeia melhorada. Lisboa: JCI (7a, 7b); Vítor Ribeiro, 2013 (6c, 7c).



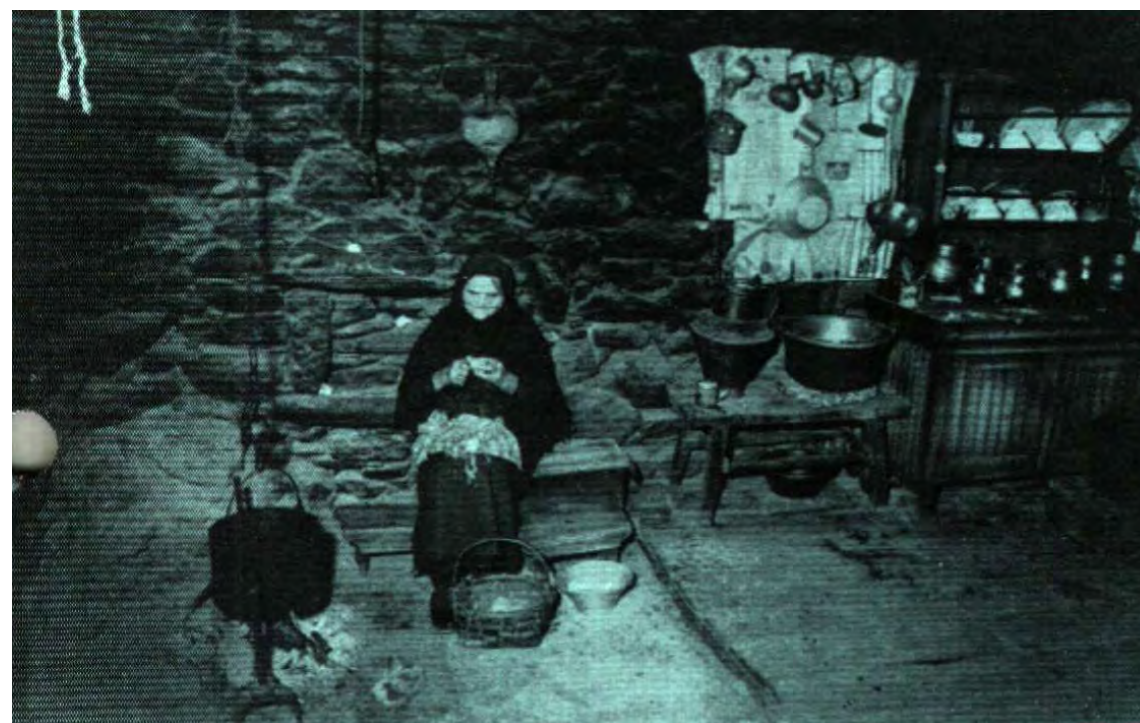


Figura 8 – Vilaverdinho (Mirandela): "A sala comum da Cecília Gomes", antes (em cima) e depois (em baixo) das obras. Não obstante o seu limitado alcance, o programa representou um esforço em dotar de condições mínimas de habitabilidade os "inconfortáveis cortiços, mais próprio de animais", como oportunamente assinalou Aquilino Ribeiro, em que se (sobre)vivia nos pequenos aglomerados rurais. Fonte: JCI, 1963. op. cit.

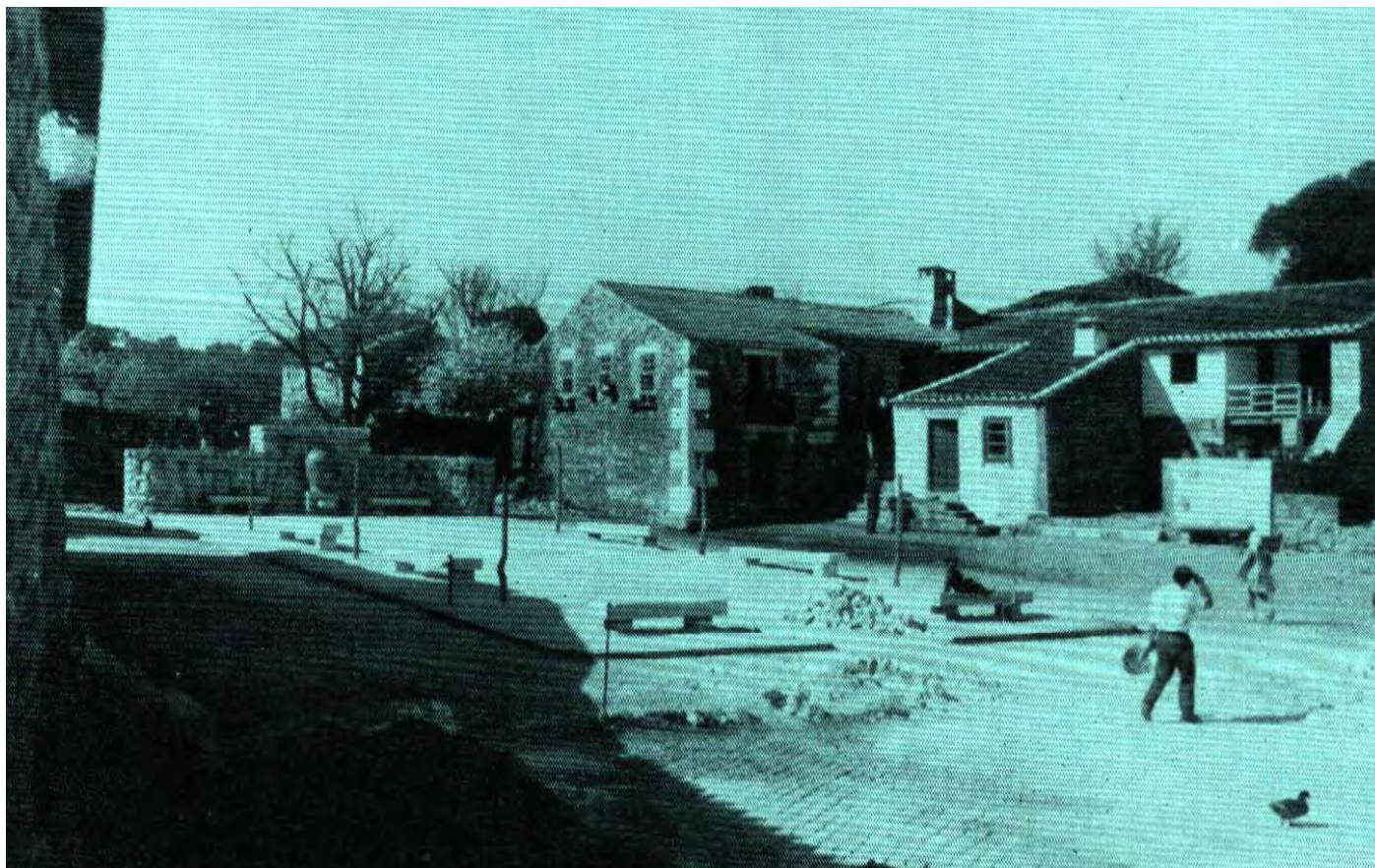




Figura 9 – Vilaverdinho (Mirandela): "O largo da vila", antes (página ao lado, em cima) e depois (página ao lado, em baixo) das obras, e em 2013 (ao centro); o fontenário em 2013 (em cima).

ESTA OBRA FOI INAUGURADA EM 26-5-73
POR SUA EX^ª O SENHOR
SECRETARIO DE ESTADO DA AGRICULTURA
SENDO SUA MADRINHA A SENHORA
D. MARIA GABRIELA LEONIDAS.

PARA A CONSTRUÇÃO DESTE CENTRO
CONTRIBUÍRAM:

A JUNTA DE COLONIZAÇÃO INTERNA
QUE ATRAVÉS DA SECÇÃO
DE BEM ESTAR RURAL DEU
O SEU APOIO TÉCNICO E FINANCEIRO

A COMISSÃO RURAL E O POVO
DESTA ALDEIA QUE CONTRIBUÍRAM
COM TRABALHO E DINHEIRO

O SENHOR JOSÉ RAMALHO QUEIMADO
COM A CEDÊNCIA GRATUITA DO TERRENO

AMIGOS DESTA ÁLDEIA QUE CONTRIBUÍRAM
POR FORMAS DIVERSAS



Figura 10 (página ao lado) – Santo António do Baldio (Reguengos de Monsaraz): Centro de Recreio e Convívio Maria Gabriela Leonidas.

Para além da resolução do "problema do alojamento rural", o programa abrangia ainda o "ressaneamento" e o "reapetrechamento" das aldeias, intervindo no espaço público, nas redes de infraestruturas e nos equipamentos de utilização coletiva. Fonte: JCI, 1963, op. cit. (9a, 9b); Vítor Ribeiro, 2013 (9c), 2014 (10).

Fig. 11 – Cadafaz (Celorico da Beira). Fonte: Vítor Ribeiro, 2013.







Figura 12 (à esquerda) – Póvoa de Mosqueiros (Santa Comba Dão). Fonte: Vítor Ribeiro, 2013.

Figura 13 (ao centro) – Porto dos Fusos (Sertão). Fonte: Vítor Ribeiro, 2013.

Figura 14 (à direita) – Penedos (Mértola). Fonte: Vítor Ribeiro, 2014.



O verão na epigrafia romana!

José d'Encarnação | CEAACP - Universidade de Coimbra

«Hic Optata sita est quam tertia rapuit aestas lingua manu nunquam dulcior
ulla fuit in pace»

«Aqui jaz Optada, que o terceiro Verão arrebatou. Nunca nenhum outro
falar e gesto mais doces foram! Em paz!»¹

Datado do século III e considerado já em ambiente cristão, este epitáfio identificado em Roma (EDCS-37700202)² é – quanto eu saiba – o único em que se apresenta o Verão como tendo sido, de certo modo, o responsável pela morte de alguém. Não responsável propriamente dito, embora a expressão concreta isso o diga, mas em sentido figurado: a Optada foi concedido viver três Verões, ou seja, faleceu com três anos. E compreende-se, por isso, que o Verão seja visto aqui como um raptor. Aliás, também essa atribuição é dada, numa inscrição de Mértola,³ mas ao Inverno:

«Lustris quinque fui sexta peremit hiemps», «Vivi cinco lustros, o sexto Inverno
matou-me!»

Contudo, a referência ao Verão na documentação epigráfica⁴ aparece sobretudo nos mosaicos, em que o tema das estações, como escreveu Bairrão Oleiro, é um dos «mais persistentes e difundidos na arte do mosaico».⁵ Contam-se por largas dezenas em todo o mundo romano, meia centena só no Norte de África, umas quarenta na Hispânia (*ibidem*), uma das quais no magnífico mosaico cosmológico que se mostra, em Mérida, na chamada «Casa de Mitreo».⁶ No território português, há, até ao momento, quatro mosaicos com representação de estações: em Conímbriga, em Arneiro (Arnal, Pombal), em S. Vitória do Ameixial e no Rabaçal (Penela).

¹ Por curiosidade, afigura-se-me tocante a interpretação desta epígrafe que Ivan di Stefano teve a gentileza de partilhar comigo: «Ella ispirava molta tenerezza ai genitori per il modo grazioso di parlare (lingua) e di muovere le mani (manu) per prendere le cose che la interessavano (immagino, ad esempio, i crepundia)». Não há dúvida: um epitáfio bem sugestivo!

² EDCS = Epigraphik Daten-bank Claus / Slaby. Trata-se do corpus de inscrições romanas mais actualizado. Acessível em <http://www.manfredclaus.de/gb/>

³ IRCP 98 = ENCARNAÇÃO, José d', Inscrições Romanas do Conventus Pacensis, Coimbra, 1984 (inscrição nº 98). <http://hdl.handle.net/10316/578>.

⁴ Ivan di Stefano lembrou-me, no âmbito literário, a seguinte passagem da Eneida, de Virgílio: Septima post Troiae excidium iam vertitur aestas (V, 626), «Eis que se acaba o sétimo Verão desde a queda de Tróia».

⁵ OLEIRO (J. M. Bairrão), Conímbriga – Casa dos Repuxos, Conímbriga, 1992, p. 121.

⁶ QUET (Marie-Henriette), La Mosaïque Cosmologique de Mérida, Paris: De Boccard, 1981 (separata da publicação feita na revista Conímbriga de 1979 e 1980).

Em Conímbriga, a figura do Verão está no «registo quadrado do ângulo nordeste, embora com grandes falhas» do pavimento de uma sala anexa ao triclinium da Casa dos Repuxos. Bairrão Oleiro descreve-a assim:

«Falta-lhe toda a parte superior da cabeleira e a metade direita da face. Veste túnica rosa debruada; no cabelo que, sobre o ombro esquerdo, cai em trança, há toques de cor e possíveis vestígios de uma grinalda (?). Sobre o ombro direito distingue-se a ponta curva de uma foice».

Trata-se de uma representação que obedece à fórmula estereotipada: a foice sobre o ombro direito e a cabeça toucada de espigas de cereais. Não precisaria, pois, de legenda, que é uma das funções da Epigrafia nos mosaicos: identificar as representações. Podemos citar os casos de Hellin (antiga *Ilunum*), na actual província espanhola de Albacete, em que, além dos nomes das estações – o do Verão está abreviado em AES(*tas*)⁸ – há os dos doze meses (EDCS-11701016), o mesmo acontecendo num outro de Cartago, na África Proconsular (EDCS-25001588), em que o nome do Verão se reconstitui a partir das letras que restam: [A]E(s)TAS. Já num mosaico de Óstia (EDCS-05702057), os nomes estavam completos VER / AESTAS / AVTV[MNVS] / HIEMS.⁹

Ocorre perguntar: haverá alguma razão especial para se ter privilegiado esse tema das estações do ano nos mosaicos sobretudo das *villae* do século IV? Houve. É que se assiste, nesse período, a um retorno das grandes famílias para o campo, na sequência das enormes mudanças sociais ocorridas. Retorno que foi acompanhado por alguma saudade dos tempos áureos do Império, em que os poetas celebravam a doçura da vida rural¹⁰. Concomitantemente, houve uma «ressurreição» dos temas mitológicos e maior apreço pelas mudanças que, deleitosamente, a Natureza proporcionava, de acordo com as estações. Essa maior sensibilidade ao tempo no decurso do ano sugeria, por outro lado, uma suave permanência – que a uma estação outra se sucederia e o Homem delas ia usufruindo, no que se poderia chamar uma *aurea mediocritas*!...

⁸ Agradeço, mui penhoradamente, a Felipa Díaz, do Archivo Fotográficos (Museo Arqueológico Nacional, de Madrid), a pronta solicitude com que me facultou a excelente imagem que ilustra esta mui singela nota.

⁹ Poderá parecer estranho que Verão se diga *Aestas* em Latim, quando a nossa palavra é tão diferente e só o italiano manteve a etimologia latina: *estate*. O português Verão e o castelhano Verano derivam da expressão do latim tardio *veranum tempus*, «tempo primaveril» (de 'ver', Primavera), porque se chegou a chamar Verão o final da Primavera, reservando-se para o Verão propriamente dito o vocábulo *Estio*. De resto, nessa mesma ordem de ideias se deve entender a etimologia de Primavera, que seria, pois, 'o primeiro tempo'!

¹⁰ Cf. ENCARNAÇÃO (José d'), *A Estratégia do Poder na Roma Antiga*, Associação Cultural de Cascais, 2014, p. 84. <http://hdl.handle.net/10316/25750>.



Aes – Verão no mosaico de
Hellen.

Créditos: Museo Arqueológico
Nacional, Madrid. Inv. 38316.
Foto: José Barea.

Consulte o site

<http://ceaacp.uc.pt/>

para mais informação sobre as atividades do CEAACP

Largos longos doces horizontes

A desdobrada luz ao fim da tarde

Assim é, nas palavras de Sophia, *o princípio de Verão*¹

Na penumbra de uma longa invernia, habitada por densas e longas ausências, em que o medo, ainda, nos devora em segredo, as palavras de Sophia resplandecem como uma *luz mais que pura sobre a terra seca*

Apesar do vagar da penumbra interior, lá fora

a luz clama pelo nosso olhar. Aí,

*no quadrado aberto da janela o mar cintila
coberto de escamas e brilhos como na infância*²

¹ Breyner Andresen, Sophia de Mello (2011). "Princípio de Verão". In *Obra Poética*, 2ª ed. (2011). Lisboa: Editorial Caminho, pp. 741.

² Breyner Andresen, Sophia de Mello (2011). "O Sol O Muro O Mar". In *Obra Poética*, 2ª ed. (2011). Lisboa: Editorial Caminho, pp. 739-740.

